



Camila dos Santos Oliveira

**Pensar o Tempo, definir o (im)possível: a categoria de *Ucronia*
na obra de Charles Renouvier (1876)**

Monografia Apresentada à Graduação em
História da PUC-Rio como Requisito Parcial
para Obtenção dos Títulos de Licenciatura
e Bacharelado em História

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Wright Cardoso

Departamento de História
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, desejaria agradecer à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e ao Departamento de História pelo ensino e meu aprendizado durante toda a graduação. Este trabalho foi beneficiado pelos suportes do CNPq através do PIBIC, que possibilitaram o pleno desenvolvimento dos meus estudos. Agradeço ao meu orientador Eduardo Wright Cardoso, pelas notas de correções e observações. Por durante todo o processo de construção desse trabalho, foi atencioso e paciente, me oferecendo suporte e autonomia e dou destaque para sua organização e dedicação no auxílio de desafios durante os dois anos de pesquisa e um ano de escrita.

Dirijo agradecimentos também ao professor Henrique Estrada, por ter aceitado ser o leitor crítica desta monografia. Agradeço ao meu namorado e companheiro de classe, que a Puc-rio me apresentou, Bruno Soares pela parceria e compreensão nesse período, e a Karol Ferreira amizade construída nesses quatro anos, me ajudaram amplamente na realização desta pesquisa e com quem experienciei diversos momentos do curso.

Por fim, agradeço especialmente à minha família, pelo companheirismo durante toda a trajetória na faculdade. Meus pais, Samara Oliveira e Sidinei Santos, meus Irmãos, Caio Oliveira, Brenda Oliveira e Keven Oliveira. Tem parte significativa na responsabilidade pela minha formação e elaboração deste trabalho de conclusão do curso, pelo apoio, confiança e incentivos que me forneceram. Agradeço cada um com muito carinho.

Resumo:

O objetivo da monografia é discutir o conceito de Ucronia estabelecido e criado na obra de Charles Renouvier, *Ucronía: la utopia en la historia*, um romance literário que oferece uma nova forma de definir o tempo. Distanciando-se das definições tradicionais, a categoria permite pensar um tempo fora do tempo, que se apoia nos modos ficcionais e imaginativos, abordando novas ferramentas para a narrativa histórica, subtraindo a cronologia dos fatos para os posicionar dentro de um tempo inexistente. Renouvier busca levar o argumento de transformação ativa da realidade ao limite direcionado de forma reflexiva e explorando novas formas de relações entre o tempo e o espaço, a fim de inserir questões do que “poderia ter sido” e do “e se?” Pensar a Ucronia é, portanto, abandonar os determinismos de uma visão tradicional da história, além disso, reconhecer como ferramentas formulações alternativas, ficcionais, filosóficas, imaginativas, morais e éticas.

Palavras chaves:

Tempo - História - Temporalidade – Historiografia – Filosofia – Ficção – Imaginação.

Sumário

INTRODUÇÃO	5
Capítulo I.....	11
Introdução à obra de Ucronia: Na perspectiva do tempo.	11
1.1 Concepções ideológicas de Charles Renouvier	18
1.2 Temporalidades – Ucronia como forma de indagar o tempo.....	23
1.3 Ucronia e o gênero de ficção.....	25
Capítulo 2.....	27
Ucronia e História.....	27
2.1 Ucronia, novo conceito para o tempo histórico: Narrativa.	32
2.2 Ucronia, novo conceito para o tempo histórico: Memória.....	34
2.3 Ucronia, novo conceito para o tempo histórico: Trauma.	37
Capítulo 3.....	41
História com uma perspectiva Ucronica.	41
3.1 Leituras contemporâneas: novas formas de entender e dividir o tempo.	41
3.2 Imaginação: contribuição para definir o tempo moderno.....	49
3.3 Ucronia: novo conceito para historiografia.	51
Conclusão	53
Referências Bibliográficas:	54

INTRODUÇÃO

O tempo, seja na colheita, na religião ou no mundo moderno, é o elemento mais temido pela humanidade justamente pela grandiosidade da sua própria existência. O tempo é ele por si só e se basta em si mesmo, desde o seu surgimento até o seu término. (NERI, 2020, p. 15-20)

Esta monografia parte do pressuposto de que a temporalidade histórica se encontra em ruínas devido à crise generalizada nas definições do tempo. Em alguma medida, os debates em torno desta problemática buscam soluções e abordagens para pensar essa condição. A proposta é incorporar a categoria de Ucronia nesta discussão. A noção emerge no século XIX, na obra de Charles Renouvier, *Ucronía: La utopía en la historia* (1876) um romance filosófico. Sua ideia principal é apresentar uma história alternativa da França, unindo fatos históricos com a ficção. O livro cria uma narrativa histórica que remove a concepção tradicional de tempo, permitindo modificações éticas e morais, e trabalhando com a ficcionalização da realidade ao alterar fatos verdadeiros com a imaginação do que poderia ter sido.

O conceito de ucronia é utilizado por outras áreas do conhecimento, como a literatura, que emprega seu sentido inicial. Por exemplo, isso aparece na obra de Geoffroy-Chateau, em que Napoleão vence em Waterloo, domina a Europa e estabelece o cristianismo como religião oficial, “Histoire de la Monarchie universelle: Napoléon et la conquête du monde” (1812–1832), E posteriormente, Emmanuel Carrère, em “El Estrecho de Bering” (2022), descreve essa primeira grande ucronia como a realização dos sonhos de conquista mundial de Napoleão. Não sendo essas obras necessariamente historiográficas.

Basicamente, trata-se de remover o tempo, abordando-o de forma alternativa para as suas produções, isso é tal como exemplificado nas narrativas de distopias e utopias. Em decorrência disto, acredita-se que remover o tempo e reinterpretá-lo seja uma forma de apresentar críticas sociais, imaginando diferentes cenários para uma mesma sociedade. Além da criação de um outro tempo, numa análise reflexiva das definições da ucronia, existe muito mais conteúdo para ser abordado, relacionado às críticas sociais, escrita da história e temporalidade. Uma dessas possibilidades seria a de complexificar as divisões clássicas do tempo: passado, presente e futuro. Visto que Renouvier aborda as modificações nos eventos históricos sendo

realizadas no passado, com base nas atitudes de grandes personagens, mencionados numa história universal, este movimento ainda está inserido, numa definição de tempo clássica, pois é o presente modificando o passado, contudo é destas concepções que a uchronia vai se desvencilhar, propondo um tempo inexistente.

Assumindo que, numa análise inicial das utilizações do conceito, considerando a perspectiva de outras ciências, como a sociologia, filosofia, produções audiovisuais e literárias. As barreiras que dividem o tempo ainda aparecem, pois o imaginário é utilizado para modificar os acontecimentos e os espaços, alterando o passado e analisando o presente. Nesse sentido, mesmo metodologicamente, as divisões estão presentes. Em virtude de se distanciar dessas barreiras, e atribuir novos significados à categoria de uchronia, na tentativa de abordar novas formulações para o tempo histórico. Surgem assim duas concepções: 1) oferecer um prognóstico para o debate temporal, dado que o seu contexto de surgimento é em meio a discussões conceituais e filosóficas de mudanças no cenário intelectual e social, resgatando seus sentidos no debate contemporâneo sobre as ruínas da temporalidade; isso, em certa medida, pode significar a necessidade de mudanças inovadoras e revolucionárias para o campo histórico. 2) Uma forma inédita de indagar as definições clássicas do tempo, e determinar novas formas de defini-lo, questionando as estruturas de formação de cada definição ao longo dos períodos e os sistemas que se utilizam e se beneficiam da permanência dessas definições.

A aproximação da uchronia com a história ocorre pela necessidade de investigar as relações ideológicas que estão por trás da formação dos acontecimentos históricos, repensando-os no âmbito conceitual, entendendo que a interpretação do tempo está ligada à essas formações. Introduzir a categoria de uchronia nas discussões historiográficas, implica repensar então a escrita da história e a formação do pensamento histórico, além de considerar os diálogos entre história e ficção, história e narrativa, história e imaginação, história e literatura, apostando na pluridisciplinaridade, especialmente nas atribuições da literatura, devido aos seus usos consolidados do conceito de Uchronia.

Na primeira seção, temos o objetivo de apresentar a obra, resgatando os posicionamentos de Renouvier em relação à história, que prontamente manifesta seus posicionamentos políticos, revelando suas motivações para refletir sobre os meca-

nismos do pensamento filosófico e social na formação das ciências humanas. O autor estava envolvido por um período marcado pelos debates acadêmicos, mudanças sociais e valorização da ciência, algo que pode exemplificar de forma interessante este período. Para entender a posição da uchronia, é realizado um diálogo conceitual a partir da obra de dois filósofos Europeus que contribuíram diretamente aos avanços das ciências sociais: Auguste Comte (1822) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807). Esses filósofos influenciaram profundamente a formação intelectual de Renouvier, especialmente através dos conceitos de *Positivismo* e *Idealismo*. O filósofo/historiador criticava diretamente o positivismo, pois acreditava que a verdade do conhecimento deveria se pautar nas concepções humanas e não nas coisas materiais e físicas, como defendia o pensador positivista. Ele defendia que a crença deve ser pautada na liberdade e na moralidade. Quanto ao idealismo, Renouvier se aproximou do pensamento liberal, acreditando que a realidade pode ser entendida e modificada através da mente; essa postura aparece no seu movimento de alterar os fatos verdadeiros. Contudo o autor se aproxima das ideias de Immanuel Kant, que defendia uma certa limitação na mente humana para compreender o todo da realidade, demonstrando uma contradição inicial em suas ideias.

Posteriormente, saindo do pensamento filosófico e entrando no social, temos o surgimento do socialismo utópico, criticado por Marx e Engels. Essa aproximação com a uchronia, pode ser encontrada quando Renouvier cria uma sociedade futura com base no socialismo cristão e democrático, acreditando numa sociedade ideal, justa e igualitária. Inserido nessa tradição, que envolve também Friedrich Nietzsche, Charles Fourier, Robert Owen, Saint-Simon, entre outros. A uchronia se aproxima desses posicionamentos, no sentido de ter como base o pressuposto da necessidade de transformação da sociedade da época. E pensar nessas alterações e novos formatos de civilização, gera uma crítica ao sistema e aos pensamentos que motivam o conhecimento. Em contrapartida, sua contribuição para a história pode ir além de uma análise no campo das ideias, sugerindo uma revisão prática nas bases metodológicas da historiografia. No entanto, na historiografia brasileira, o conceito ainda não foi explorado nem debatido, e a obra de Charles Renouvier não possui uma versão em português.

Na segunda seção, buscamos compreender a interação produtiva entre a uchronia e a história. Começando com a desconstrução da concepção universal do

tempo e do espaço, construindo uma narrativa do evento histórico somente com as movimentações humanas. Nesse passo, revela-se a complexidade e a importância desses conceitos. De acordo com Renouvier, a formação deles define como os acontecimentos vão ser organizados, o que se aproxima do Relativismo, conceito que ganhou força na contemporaneidade. Assim, remover o tempo rompe com toda a lógica da estrutura da sucessão dos fatos. Desse modo, essas alterações formulam como os eventos serão redirecionados e recontados. Isso oferece novas perspectivas para conceitos que dependem das definições de tempo e espaço, como a memória, o trauma e a identidade cultural. Em virtude disso, o passado, presente e futuro recebem um entendimento inovador. Segundo Renouvier, o passado é horizonte de expectativa, o presente é referência e o futuro é dependente dessas relações. “À medida que numa tradução inicial do preâmbulo, “em suma, as obras ucrônicas vão para o passado, modificando algum acontecimento, e assim perturbam o processo histórico subsequente tal como é conhecido” (Renouvier, 6-10).

No intuito de abordar a ucronia no fazer historiográfico, é possível concebê-la na forma como esses eventos seriam descritos e como seriam lembrados ou resgatados, isto é, sem uma cronologia, sem a ideia de causa e efeito, sem a delimitação do espaço e do tempo. Com isso, seria importante considerar o uso de ferramentas externas, como a criação de um texto literário, repensando suas formas de escrita acadêmica, adotando um método criativo, utilizando como conexão o raciocínio e autonomia do historiador, que possibilitaria dar voz ao singular, com foco nas particularidades, na emoção e na mudança na atmosfera humana. Para além disso, a ucronia pode se aproximar da *ficção*¹, uma vez que ela sugere a transgressão da fronteira entre o real e o imaginário, servindo como escape para modificar a realidade e transcender os fatos, sem ser apenas um reflexo direto do já aconteceu. Em face também do auxílio da ideia de *narrativa*, esse processo pode resultar em um contato com o público contemporâneo e revelar reflexões profundas sobre a verdade dos acontecimentos.

Na terceira e última seção, partimos da crítica de Renouvier sobre a historiografia antiga e suas influências no século XIX, sugerindo uma mudança nas meto-

¹ Conceito de ficção trabalhado no livro *A Ficção* (2006), por K. Stierle. A obra explora a natureza e a evolução da ficção ao longo da história, analisando sua relação com a *Mimese* (imitação da realidade) e a *Poesis* (criação artística).

dologias historiográficas e abordando pontos como a causalidade, o tempo homogêneo, progressista e universalista. O autor aponta para os esgotamentos da produção daquele período. Seu movimento em relação a isso consiste em alterar as narrativas do século XVIII para demonstrar que, mesmo ao longo do tempo, os mecanismos de produção não apresentam diferenças. Atualmente, numa realidade classificada como pós-moderna, que valoriza as múltiplas realidades, multiculturalismo e a pluralidade de vozes, e que é descrente nas verdades absolutas, busca-se abandonar uma narrativa universalista, o que permite sugerir os primeiros sinais de esgotamento das contribuições e definições dos períodos anteriores. Esse período ficou marcado, por exemplo, pelas discussões sobre o *Pós-estruturalismo*², a *identidade de gênero e o feminismo*.

Com base nesse cenário, surgem os esgotamentos nas definições de tempo, de certa maneira, começam a não corresponder às inquietações do presente nem à quitação de dívidas com a sociedade contemporânea. Reconhece-se então a necessidade de explorar novas possibilidades para refletir sobre ideologias e culturas, bem como a relação de poder na formação da memória coletiva e nos lugares de memória, a crença na história e a função de historiador. A categoria de uchronia pode servir de ferramenta no diálogo desses limites e ajuda a aceitar a realidade da desconexão temporal que segue na contemporaneidade. Abandonando uma idolatria e dependência face à cronologia (Salomon, 2018, p 13- 15).

Contudo, destravar o passado e quebrar as barreiras do tempo é admitir que o processo de construção do conhecimento histórico foi baseado em injustiças, esquecimentos, apagamentos e silenciamento, evidenciando que o passado foi fabricado e mantido por um sistema. Saidiya Hartman argumenta que voltar ao passado e criar uma narrativa apenas com os arquivos desses sistemas é reviver memórias que nem mesmo foram criadas. “[...] Como recuperar vidas emaranhadas com e impossíveis de diferenciar dos terríveis enunciados que as condenaram à morte, dos livros de contabilidade que as identificaram como unidades de valor” (Hartman, 2020 p 15-20) É se estabelecer nas lacunas da temporalidade para produzir partindo do impossível, desvencilhando-se de uma narrativa progressista e excludente, aban-

² *Pós-estruturalismo* tal como proposto por Jacques Derrida, é a teoria que se caracteriza por questionar as ideias de estruturas estáveis e fixas, propondo que os significados e conceitos são sempre instáveis e sujeitos a múltiplas interpretações.

donando uma visão evolucionista daquilo “que poderia ser”. Em relação as sugestões da categoria de ucronia, a emergência do conceito envolve assumir a ideia do que poderia ter sido, preenchendo as lacunas a partir da ruptura do tempo e centralizando as diversidades, subjetividades e sentimentalismos, dando voz às singularidades. Toda essa quebra com as definições clássicas do tempo contribui para comunidades, povos e etnias que foram afetados, serem inseridos na história, como um lugar de reparação, de justiça, de indignação, de restauração da vida e da memória. A categoria permite oferecer interpretações éticas e morais aos eventos do tempo passado e preencher os espaços vazios dos não mencionados, não lembrados, encaixando-os no não-tempo da narrativa. A ucronia sugere, enfim, acrescentar, imaginar e ficcionalizar sem abandonar o real, concebendo especulações factíveis.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO À OBRA DE UCRONIA: NA PERSPECTIVA DO TEMPO.

Como enxergamos o tempo histórico? De que forma ele é definido para se conceber uma cronologia dos fatos? É necessária uma cronologia? Por quê? Existem outras formas de definir o tempo? Essas perguntas, ainda que sejam de entendimento geral, parecem ser uma excelente maneira de iniciar a discussão sobre o conceito de tempo. De acordo com o debate acadêmico instaurado na tentativa de definir, delimitar e se aprofundar nas correntes de entendimento acerca do tempo, que perpassa séculos e eras concebidas por pensadores da Antiguidade, Modernidade e Pós-modernidade. Essas concepções, em certa medida, chegaram a um estado de crise, e na tentativa de contribuir para os prognósticos desse contexto, nos é permitido abrir um espaço instigante e classificar uma categoria que oferece neste sentido, inovação e ousadia. Desafiando as noções temporais da historiografia, propondo novas abordagens para o tempo histórico, suprimindo incômodos do século XX diante do cenário de esgotamento. A obra de Charles Renouvier, *Ucronía: La utopía en la historia* assinala uma descontinuidade nas formulações de tempos, gerando uma categoria que anula a estrutura do tempo, criando uma narrativa dos fatos sem tempo, segregando: o acontecimento, estrutura social e uma comunidade. Posicionando-os em um enredo sem a concepção de espaço/tempo já instituída.

Essas ideias são promovidas pela obra: *Ucronía: La utopía en la historia*, publicada no ano 1876, escrita por Charles Renouvier, nascido em Montpellier, na França, que se denominava historiador-filósofo. O texto apresenta-se como uma obra literária, do gênero da ficção científica ou filosófica ficcional, pouco conhecida e debatida no campo da historiografia brasileira. A exemplo disso, ainda não temos uma versão do livro em português, e a tradução trabalhada para pensar essa temática é a edição traduzida para o espanhol, publicada no ano de 2021. A obra é precursora da noção de *Ucronía*, sendo atribuído ao conceito as definições do não-tempo, tempo alternativo e utopia dos tempos passados.

Desde esta obra pionera, la ucronía ha mostrado una sobrada relevancia en diferentes campos. En primer lugar, en el literario, donde se ha multiplicado su impacto en novelas, en la narrativa breve o en el cómic. Tal impulso ha sido visible a lo largo de la

centuria pasada, cobrando especial importancia después de la Segunda Guerra Mundial, inicialmente en el mundo anglosajón y en la propia Francia, aunque poco a poco se ha extendido a otros países. (RENOUVIER, 2021, p. 7- 10)

Sob essa perspectiva a *Ucronía* é coerente e se alinha nas lacunas de entendimento do tempo histórico, por exemplo nas definições circular, linear, progressiva e da multiplicidade temporal, pois propõe uma resposta alternativa para o esgotamento de sentido dessas correntes, possibilitando considerar novas composições de tempo para a história. A partir disso, é necessário voltar às rupturas para analisar os possíveis interstícios deixados por essas definições, utilizando o conceito como ferramenta de compreensão e indagação nas teorias estabelecidas nos limiares das transições temporais. Não somente inserindo-o no preenchimento desses espaços, mas também num debate conceitual que permeia o campo da linguagem, apresentando um neologismo, pois oferece reflexões sobre o contexto em que foi criado, mas apresenta sentido nas discussões sobre a crise na temporalidade.

Nesse sentido, são consultadas obras de referência como dicionários e enciclopédias, bem como um mapeamento inerente às noções temporais, como anacronismo, cronologia, filosofia da história, sincronia e diacronia etc. A ideia deste trabalho é a apresentação de novas perspectivas que se encaixam no campo da história conceitual e intelectual, que podem fornecer indicações relativas ao contato com Renouvier, seguindo o exemplo do diálogo que o filósofo cria com a tradição utópica, tida como objeto central de inspiração para seu projeto ucrônico. O conceito de *Ucronía* inicialmente é a possibilidade de contar um acontecimento ou fato histórico fora de uma concepção temporal, modificando os eventos de acordo com uma linha de raciocínio, que envolve uma conduta moral e ética do que deveria ter sido, aos olhos do autor.

[...] de la historia de una cierta Edad Media occidental que el autor hizo comenzar hacia el siglo I de nuestra era y acabar a comienzos del IV; y, luego, de cierta historia moderna occidental que abarca del siglo V al IX. Pero esta historia, entremezclada de hechos reales y de hechos imaginarios, es, en suma, una pura fantasía, y la conclusión de este libro singular no puede distar más de la triste verdad. El escritor compone una ucronía, utopía de los tiempos pasados. (Renouvier, 2021, p. 33 – 40)

Assim, é mobilizado um conceito que propõe uma modificação pontual no

evento, elucidando um acontecimento ou um fato histórico com modificações verossímeis, não impondo uma cronologia sequencial dos fatos, mas dando abertura para interpretá-los. O livro de Renouvier está dividido em diversas partes, apresentando dois prefácios, um feito por um escritor anônimo que recebe a obra, edita e publica no século posterior ao livro, e outro que é um anexo pós-textual endereçado a quem ele denomina de seus filhos. Estes personagens criam uma dimensão de compilados de princípios que necessariamente são passados numa ideia de genealogia parental. Uma característica que nos remete a isso, são os apêndices e capítulos que são escritos com menções a seus pais, os pais do autor, depois versões escritas por seus filhos e netos, trazendo uma dimensão de passagem de gerações, remetendo à uma progressão temporal. Os resumos dizem que o autor da obra é um monge, da ordem dos pregadores que morreu no período da Inquisição na França (Renouvier, 2021 p 33 -35). Na sequência, nas partes um, dois e três, o filósofo enumera e apresenta os personagens fictícios que compõem o enredo da obra, personagens que são verdadeiros, mas que têm suas ações e posições modificadas, como será exemplificado adiante.

Na introdução é descrito que a categoria *ucronica* era mais utilizada para modificar acontecimentos de cunho político, porque as decisões tomadas são incisivas e fundamentais para o decorrer de um evento, o que elucida o interesse e envolvimento de Renouvier com as questões políticas. A *ucronia* torna possível assim montar relatos contrafactuais pensando em outras narrativas possíveis. Neste sentido no século XVIII na imersão das ideias progressistas, as utopias que também geram uma realidade alternativa, não se encontravam mais no âmbito puramente espacial. Porque a ideia de ilhas remotas, de povos e culturas que possibilitaram esses pensamentos, fora dos conhecimentos europeus, já estava sendo suprimida pelos grandes “descobrimientos” geográficos. Esses não-lugares ganhavam habitação agora no futuro, transferindo as idealizações do desconhecido para o tempo, como complexifica Renouvier,

Pero suponer que el cristianismo hubiese podido no triunfar en otros tiempos en Occidente, asentarse sólo en Oriente y no entrar en Europa hasta más tarde, una vez abandonadas sus intenciones dominadoras, y hacerse un ideal de la historia, en el cual el progreso de las sociedades [...] (Renouvier, 2021, p. 33 – 40)

No entanto, ainda na introdução da obra, são listados fatos alternativos trabalhados por produções de ficção, que sugerem uma multiplicidade de universos paralelos possíveis. Desse modo, modifica-se um evento em que a decisão importante e “divisora de águas”, poderia mudar todo o curso dos eventos da realidade posterior, justificando o caráter dos usos políticos. Renouvier imagina, por exemplo, se o imperador romano Marco Aurélio, Século II d.C. (Renouvier, 2021, p. 25-35) escolhesse outro sucessor, proibindo a religião cristã em seu tempo e território. Como se formariam os eventos após tais mudanças? Será que o fim do Império romano não seria naquele momento ou nunca ocorreria? Dar a oportunidade de uma narrativa a partir do *e se?* é, portanto, uma das sugestões do conceito.

Embora, as sugestões pareçam adversas para a ciência histórica, a obra permite especular a utilidade metodológica das mudanças contrafactuais, sendo assim do interesse do campo, pois teria a capacidade de contribuir para a compreensão da causalidade histórica. A categoria permite relevar o protagonismo dos personagens históricos, diante das relações com a estrutura econômica e a construção social em que estão inseridos. A ucronia permite também questionar as formulações deterministas da história: o evento ocorreu de certa maneira, porém, poderia acontecer de outra forma. Portanto, a noção acrescenta à reflexão da dinâmica de poder, no decorrer dos eventos importantes e decisivos, e implica pensar que ela impediu que outras propostas fossem inseridas no papel que ajudaria nas decisões e consequentemente mudariam o resultado alcançado no passado. Bloqueando a partir disso, a participação e o papel das humanidades e a história das sociedades no protagonismo na sucessão dos eventos. Algo semelhante é feito a partir dos autores Niall Ferguson, David Armitage e Jo Guldi, que igualmente proporcionam uma visão para desenvolver uma base de apoio para propostas futuras, de maneira esperançosa, apontando divisões causadas por problemas de desigualdade social e ecológica.

Ao propor a discussão, com sua linguagem rebuscada e um tanto intrincada, Renouvier expõe o contexto em que está escrevendo. Ele discorre sobre uma concepção de história reflexiva que analisa as ideias com foco no comportamento da humanidade e, assim, descreve um rompimento com a tradição clássica de se pensar e escrever a história, que ganhou seus pilares antes do século XVIII. O autor apresenta críticas ao pensamento histórico da época que definia o tempo como uma linha reta, que seguia em direção ao futuro e que servia de apoio para as ideias

progressistas. Como acrescenta Reinhart Koselleck, em *Estratos do Tempo*: que questiona esta representação, mostrando uma contraposição no entendimento do tempo, fundado em explicações metafóricas, diz que na formação da terra em relação com o surgimento das montanhas mais antigas, está voltada para a formação de montanhas sedimentares, e de acordo com ele as divisões do tempo, *tempo antigo* e o *tempo novo* (Koselleck, 2014, p.5 – 10) também estão voltadas um para o outro. Koselleck contrapõe-se assim a definição de linha reta, em direção a qualquer finalidade, pois o tempo para o autor está dividido em partes/camadas.

Neste sentido, numa proximidade com que o apresenta Renouvier, sobre uma atenção maior voltada para as humanidades, Koselleck aponta questionamentos em relação às ideias de tempo-humano como a meta-história que fogem ao entendimento humano, as condições climáticas que talvez o ser humano tenha influência, as condições extra-humanas e a continuidades das ações humanas. (Koselleck, 2014, p.4 – 8) Afirma ainda que essas questões fazem parte e são inerentes para a discussão, no que diz respeito à centralidade para pensar as ideias do posicionamento das humanidades, pois demonstra que esses questionamentos que descentralizam o evento se colocam em contraposição com a história factual. Abordando a formação de uma história natural e história das humanidades, história da linguagem, numa tentativa de entender a maneira que se insere os movimentos humanos,

[...] A apreensão linguística do mundo se desvia da chamada história real, ao mesmo tempo que a condiciona e a possibilita. Sigo inclinado a interpretação de forma aporética a relação entre a história da linguagem e a história factual: a linguagem contém e pode expressar sempre mais (ou menos) conteúdo do que aquele que existe na história real. (Koselleck, 2014, p. 5 - 6)

François Hartog em conformidade com os diálogos expostos entre tempo-história e humanidade-história, apresenta essas questões como uma nova revolução, pois essas relações, que Renouvier busca para as atuações humanas, também remonta a um rompimento com a tradição de uma história, que toma o passado como centralidade. Desse modo, abandona-se a ideia de que o passado é o ponto de referência para construir uma narrativa. Em seu texto *Tempo, história e a escrita da história*, Hartog expõe que a representação do tempo, que ganhou seus contornos na modernidade, faz alusão de que se parte do passado, atinge o futuro e encontra

o presente no caminho. Numa imagem de flechas em direção ao seu alvo, tal representação não mais supria as implicações e indagações acerca da temática, como ressalta o historiador:

Quanto ao regime moderno, cito Tocqueville: “Quando o passado não mais lança luz sobre o futuro, o espírito caminha sobre nas trevas”. Ele alude aqui (ao término de *De la Démocratie en Amérique*) à grande Revolução em curso. Esta sentença convenientemente esboça o que se poderia chamar o antigo regime de historicidade. Antes, ou seja, quando a relação entre passado e o futuro era dominada ou regulada por referência ao passado, com o futuro não reproduzindo o passado, mas não indo além, o espírito sabia para onde estava indo. (Hartog, 2013, p. 12-15)

Portanto, o que é proposto pelo conceito de *ucronia*, nos leva a pensar que para abandonar as formulações antigas, e constituir certas conjunturas que possibilitam isolar o fato histórico fora de seu tempo, de modo a realizar alterações éticas, reflexivas e opinativas com a finalidade de centralizar as participações humanas. Abre-se a possibilidade de pensar o uso do conceito de *imaginação*. Mas não somente no intuito das alternâncias e misturas de fatores históricos e fictícios, ou gerando incontáveis versões de um só acontecimento, pensando desfechos alternativos para a história. A imaginação pode ser pensada com outros contornos, com a ideia de *imaginação sociológica*³. Recuperado da sociologia, este conceito ajuda em alguma medida, a entender o que Renouvier propõe com seu pensamento sociológico-cristão, que aparece na sua obra. Pois o conceito implica o exercício de refletir experiências que tem o caráter individual, mas articuladas ao contexto social, peritando entender que as questões do indivíduo refletem ou se originam no coletivo.

Neste sentido, olhar para um fenômeno individual ou social e ver que ali existem muito mais questões a serem abordadas, além do que já foi dito, dá espaço para outras indagações e respostas para o ocorrido. Isso traz entendimentos de uma projeção plural do que demanda os relacionamentos humanos, possibilitando a reflexão de um diálogo antropológico para pensar a realidade. Pois em âmbitos históricos pensando na aplicação da *ucronia*, voltar ao evento para gerar uma análise, possibilitaria trazer experiências que estão fora dos nossos conhecimentos, gerando um

³ *Imaginação sociológica*, do original em inglês *sociological imagination*, é um termo da sociologia originalmente proposto pelo cientista social norte-americano C. Wright Mills, em seu livro homônimo de 1959.

contato com o que não foi explicitado, mas que estava presente durante todo fato. A ideia de uma proximidade com a realidade seria no sentido de analisar tudo o que está ao redor do acontecimento histórico e não foi dito, mas que é plausível. Esse contato com a imaginação, parece-me interessante para a compreensão da categoria *ucronica*.

Contudo, Renouvier mobiliza noções de história e de fatos que estariam “fora do tempo”, isto é, acontecimentos *ucrônicos*. Assim ele esbarra com o limite do aceitável para a história, que seria o anacronismo, a ideia do *e se* para aplicar uma atitude ou mudança no evento histórico na perspectiva de tempos distintos. Mas a ucronia não caberia aqui, pois se levarmos em consideração seus padrões de modificação, que só são realizadas a partir de características do mesmo período temporal. Desse modo, se não há concepção temporal logo, então não se configura anacronismo. Porém, pode-se dizer que há uma linha tênue entre os conceitos, pois para historiografia antiga, utilizar o anacronismo é dispensável pois, entende-se que só existe o fato, os registros, e documentos que são verificáveis não conferindo formulações exteriores ao que não está dito. Mas o caráter imaginativo e investigativo está inserido mesmo que de maneira subjetiva. Diante disso, Renouvier sugere uma ruptura com esses modos narrativos da história, e apresenta o investimento nos modos ficcionais diversos, para revisitar o evento ocorrido, não o passado, pois a noção de tempo deve ser revista. Assim, ele permite pensar um novo limite entre as noções de presente, passado e futuro, ao remover a cronologia dos eventos e romper com as barreiras dessas divisões. De acordo com o autor:

De lo contrario, ¿qué le habría dejado por hacer al siglo XX? Si los hombres hubiesen creído firme y dogmáticamente en su libertad en cualquier época, en vez de irse aproximando a creer en ella lenta e imperceptiblemente, mediante un progreso que quizá sea la esencia del progreso mismo, desde aquel mismo momento la faz de la tierra habría sido bruscamente transformada. (Renouvier, 2021, p. 37 – 40)

O autor fornece um exemplo quando narra, no livro, a ascensão do Império Romano partindo do fator religioso, e reescrevendo a história de ascensão do Cristianismo no território do Oriente da Europa. Vale ressaltar a relação com o espaço, que se aproxima do conceito *utópico*, ao referir-se a idealizações espaciais, em relação a insatisfação com os aspectos sociais em que se está inserido, a crítica pode

começar com a mudança de localização do ocorrido. Assim como faz Thomas More que coloca a ilha numa península distante sendo sua localização imprecisa, conferindo características que atingem uma realidade proposta. Renouvier, porém, remove ou troca o lugar do evento, como na ascensão do Cristianismo no Oriente Europeu e não no Ocidente. O autor elabora no texto uma tabela que classifica em colunas verticais as modificações que realiza nos grandes eventos históricos, listando e enumerando, o que chama de cronologia *ucrônica*, que ocorre numa nuvem de conjunturas e invenções estabelecidas pelo autor. Estão nesta lista a descentralização de assembleias representativas, reformas militares, abolição da escravatura e direitos agrários, a implantação do neoplatonismo como religião oficial, a ascensão da negação das ciências experimentais no Extremo Oriente, na fronteira com a África e a chegada à América datadas do século XVI. Esses eventos são colocados na tabela em confronto com as datas reais, criando uma comparação para entender a lógica da *cronologia ucrônica*:

Quadro 01- Cronologia Ucronia e Cronologia Real

CRONOLOGÍA UCRONÍA		CRONOLOGÍA REAL
Marco Aurelio asocia a Casio y destierra a Cómodo. Nombramiento de Pertinax como sucesor.	/175	Casio, general del Ejército de Oriente se rebela. Gobierna Egipto y Siria tres meses y es asesinado por un centurión.
Suicidio de Marco Aurelio. Revuelta pretoriana que restablece a Cómodo. Suicidio de Casio.	/180	Muerte de Marco Aurelio
Asesinato de Cómodo. Le sucede Pertinax que asocia a Claudio Albino. Septimio Severo se mantiene independiente en Oriente.	/192	Asesinato de Cómodo. Pertinax muere tras reinar 86 días. Guerra civil. Didio Juliano muere asesinado tras reinar 64 días.

Fonte: (Renouvier, 2021, p. 26 - 30)

1.1 CONCEPÇÕES IDEOLÓGICAS DE CHARLES RENOUVIER

Charles Renouvier, diante de influentes homens da ciência de seu tempo,

concordava e se via atraído por pensamentos revolucionários, com ideologias voltadas ao anti-autoritarismo, ao moralismo, federalismo, porém se afastando das ideias radicais e violentas, onde é descrito pelo autor, sempre um ambiente de fim dos confrontos, isso aparece em um de seus apêndices, intitulado como nota final do neto; “ Sabía que la paz semifavorable, con la que acababa de ver terminarse la lucha de francia y los príncipes protestantes contra las perseverantes pretenciones de la política papisra em médio del siglo passado [...] (Renouvier, 343 -345).

Renouvier no fue ajeno a ese movimiento. Siempre se sintió atraído por el antiautoritarismo de Fourier, así como por el moralismo, el individualismo y el federalismo de Proudhon, aunque el rechazo de los medios violentos y de la supresión de la propiedad privada lo alejó de Bakunin y de Marx. No obstante, quien más influencia intelectual ejerció sobre él fue su amigo Jules Lequier, católico heterodoxo, defensor de la libertad frente a todo tipo de determinismo metafísico. (Renouvier, 2021, p. 11-15)

Desta maneira, o que de fato o inspirou intelectualmente foram as relações que envolviam a crença e a fé, numa contraposição aos dogmas instituídos pelo catolicismo, voltado à liberdade de pensamento. Renouvier se dividiu entre uma atuação pública e intelectual, mas optou pela atenção a estudos acadêmicos apostando na centralidade de mudanças pela educação. Se aprofundado em suas raízes católicas o autor sugere que seja analisado o cristianismo na essência de sua criação, antes que a Igreja católica o tomasse como propriedade, conhecendo sua origem, sem formulações violentas, de heresias teológicas para fomentar os embates catastróficos, mas pensando-o na decorrência de sua influência no curso dos eventos. De acordo com essas inspirações, o filósofo se volta a descrever os fatos ocorridos na Idade Média Ocidental, no Oriente, onde começa a narrar os grandes acontecimentos de acordo com o pensamento daquela região, se desenvolvendo em outro ambiente, criando um campo fértil para tecer suas críticas em âmbito aceitável.

Considera los dogmas del cristianismo, antes del momento en que la Iglesia lo encerró todo bajo su autoridad. Infórmate de sus orígenes. Contémplos en sí mismos, no en la unidad ficticia y en la pretendida invariabilidad que es el postulatum de los teólogos, sino en el encadenamiento de los acontecimientos de la historia, de los debates de la filosofía, de las luchas de la política y de las intrigas del clero; pues la historia de las variaciones, para hablar como este o bispo, no ha comenzado en nuestros tiempos; ha

vuelto a empezar y ha continuado después de algunos siglos de una aparente inmutabilidad producto de la violencia. (Renouvier, 2021, p. 48- 50)

Esses eventos de grande relevância para o desenvolvimento do continente são fixados em sua tabela cronológica e entrelaçados com a realidade alternativa ficcional. Sendo este um dos pontos de relevância central para a obra, porém outros aspectos dessa construção também se destacam. O próprio viés ideológico da criação do conceito, que aparece diretamente nas engrenagens das modificações, sendo perceptível as insatisfações de Renouvier com as relações de poder de sua sociedade. Porém, o autor busca não se comprometer com seu período, sempre modificando um evento que seja anterior. Mas pautando suas expectativas na sociedade francesa do futuro, remetendo a um pensamento que busca esperança em um socialismo cristão e democrático. Assim, Renouvier demonstra sua objeção e crítica à Política e a formação de um sistema social. As alterações nos eventos passados traziam conjunções alternativas para pensar a realidade, lançando sua oposição, a partir da criação de um mundo imaginativo, apontando uma melhoria de acordo com sua visão, deixando novamente aparecer sua aproximação com a tradição *utópica*, que estrutura suas críticas contundentes dentro de uma realidade ficcional.

Portanto, se faz necessário destacar, segundo o autor, os pilares de formação de uma sociedade. Eles são: a economia, as relações de classes, o pensamento intelectual, cultural e religioso.

Así, los emperadores hubieron de optar entre dos tendencias: la que consagra por igual a todos los dioses propuestos por una religión, múltiple por naturaleza, el politeísmo, y la que habría sustituido todos los mitos libres por una de esas doctrinas exclusivas cuya invasión estaba padeciendo el politeísmo primitivo de Oriente desde hacía mucho —una doctrina basada en la concepción de un principio único y viviente del universo—, revelado a los hombres, por ejemplo, por la vía de la encarnación. (Renouvier, 2021, p. 68 -70)

Esses pilares dialogam com as suas ideologias, mesmo em distanciamentos e aproximações com cada um deles, aparecendo sua relação com o cristianismo, e suas reflexões sobre a formação do catolicismo europeu, sua erudição e contato intelectual com Matemáticos, Teólogos, Filósofos, Sociólogos, Revolucionários

etc. E sua caracterização voltada ao ceticismo, onde encontra elementos do racionalismo e aproxima-se de uma religiosidade liberal que acredita somente numa redenção humana que parte da liberdade em perspectiva do que seja a moralidade.

O filósofo expande esses pilares para chegar nas ideias políticas, moldando o argumento para conjecturá-las num âmbito individual e opinativo, no sentido de expor sua própria definição. Um problema identificado é a desigualdade social, que culpabiliza o poder do sistema político, por causa de sua falta de interesse e não-responsabilização com as necessidades humanas, que ele caracteriza como o individualismo humano. O início da industrialização na Europa e a questão do liberalismo econômico apontam consequências e interferências nos resultados desse desinteresse, sendo ele a formação rígida na estratificação da sociedade, que colocou as classes mais baixas em situações insalubres, mas, que beneficia financeiramente as classes que estavam no topo. Diante de todos os pressupostos que Renouvier apresenta, há sempre uma centralidade para com as ações humanas, mesmo que utilizando-se de concepções conceituais e ideológicas, com o intuito de que, esses pilares devem anteceder a formação da narrativa de um evento histórico, o que atingiria e interferiria no processo de escrita garantindo a liberdade de pensamento. Como acrescenta o escritor:

A partir de aquí el autor construía una historia de Europa alternativa. En ella se sucedían una serie de acontecimientos en los que se consumó una escisión entre la zona oriental, sometida a la religión cristiana y a una cultura de servidumbre, y la occidental, regida por un espíritu republicano garante de la libertad de pensamiento, de la pequeña propiedad y del trabajo. (Renouvier, 2021, p. 7 -10)

Podemos perceber tal ocorrência quando, o autor estabelece esses critérios nas mudanças do relato no qual descreve a instauração do Neoplatonismo (corrente filosófica que se desenvolveu nos séculos III e VI) como religião oficial do Imperador Romano Flávio Cláudio Juliano. O Imperador não processava a fé cristã e nem era adepto aos dogmas cristãos, que já estavam presentes nos governadores precedentes. Esse afastamento de Juliano em relação ao Cristianismo abre uma brecha para imaginar uma religião que conseguiu se manter e ganhar contornos dogmáticos, assim como o cristianismo que foi perseguido pelo Império Romano e foi extinguido pelo imperador no ano de 362 d.C., um ano antes de sua morte. Isso implica na aquisição de novos cenários para aquela sociedade incluindo o cenário

político e a formação de ideologias.

No entanto, somente com esta sugestão de raiz religiosa já percebemos inúmeras mudanças, pois isso interferiria nas formações políticas, sociais, culturais e ideológicas do Império. Tais modificações, com novo paradigma da religião, se afastariam da cronologia real, afetando a sucessão dos eventos posteriores às mudanças. Consequentemente também se afastam dos fatos que realmente aconteceram, entrando na cronologia *Ucronica*. Em seu anexo cronológico, Renouvier apresenta novas cronologias que produzem uma comparação de um cenário que é, ao mesmo tempo, similar, porém diferente. Pois ele as propõe no sentido de entender e confrontar, o processo de formação e aceitação, posterior ao período, dos pilares ideológico, cultural e moral do cristianismo que se instaurou no período medieval.

Quadro 02 - Cronologia Ucronia e Cronologia Real

Cronologia Ucronia	Ano	Cronologia Real
Surgem no Ocidente os mistérios de elêusis e o neoplatonismo entre as classes altas, e os cultos dionisíacos e o serapismo (de Serápis) entre as classes populares. Juliano estabelece o neoplatonismo como religião oficial	1138 a.C. / 362	O imperador Juliano tenta eliminar o cristianismo do Império.

Fonte: (Renouvier, 2021, p. 27 - 30)

Todas as modificações que o conceito sugere, seja na remoção do tempo, na troca do lugar, no pensamento e objetivos do personagem, ou em decisões importantes sempre remontam à ideia de reflexão ativa para o que está em evidência nessas trocas, permitindo entender o fluxo que conduz as causas e ocasiona seus efeitos.

A uchronia assim permite resgatar o que fugiu do relato oficial, preenchendo ou identificando não somente uma lacuna temporal, mas os espaços que não foram mencionados no sentido de que o tempo é removido e esses vazios aparecem.

1.2 TEMPORALIDADES – UCRONIA COMO FORMA DE INDAGAR O TEMPO.

O conceito criado por Renouvier é utilizado nas áreas de literatura e entretenimento, áreas em que existe o espaço para a criação e o uso deliberado da imaginação, sendo muito bem aceito e explorado, pois possibilita a ideia de criar um passado, recriar personagens e eventos, deixando de lado propositalmente o tempo do acontecimento e recriando uma certa cronologia. Agora pensando em sua contribuição para a temporalidade histórica, a uchronia traz uma possibilidade de atribuir na história um ponto reflexivo, como explicitado na introdução deste trabalho. Narrar a partir da uchronia, cria uma imagem quebrada do tempo. Isso pode ser representado por um quebra cabeça, com peças que são do passado, que se encaixam de várias maneiras, independente da ordem, e quem constrói o quadro é o jogador que detém todas as peças. Assim, temos um encaixe numa nova concepção das imagens do tempo junto com o tempo como flecha, como linha, círculo, camadas, espiral, labiríntico dentre outros.

Diante dos pontos apresentados na obra: *Ucronía: La utopía en la historia*, é possível repensar os modos representativos do tempo e como concebê-lo para a narrativa da história. E qual sua função diante dos debates no contexto de crise das definições na temporalidade. A forma de definir o tempo pelo conceito, visto que tomaria alguma relevância para os debates presentes nos estudos de entendimento das temporalidades, acrescentaria para resgatar questões inéditas para a temática. Levando em consideração que a historiografia se encontra no meio abstrato e complexo entendimento, se começarmos a pensar no público para o qual se está escrevendo enquanto estudo passado. Por exemplo, criar uma explicação válida, que faça sentido da colonização das Américas, para um adolescente que vive no século XXI, em um determinado contexto. Isso demanda que sua imaginação com o objetivo de entender seja explorada e gere uma repetição. Este é o contato com o passado da plataforma do presente que Renouvier propõe na relação passado/presente que a

historiografia pós-moderna busca. Cabe aqui reproduzir o posicionamento de Marlon Salomon;

Precisamente no contexto de epistemologização, do tempo cronológico e, provavelmente, em relação a ela, aparece o romance filosófico de Charles Renouvier, *ucronia*. Num esforço de pensar a temporalidade histórica, Renouvier era conduzido a um gesto radical, como se um tempo outro, que não, que não fosse cronológico, apenas pudesse se relacionar com o passado subtraindo a história a realidade inserindo-a no terreno da ficção; um outro tempo e, portanto, uma outra história, só poderia existir em sua forma radical, como anulação do próprio tempo e da própria história, como *u-cronos*, numa referência explícita a *moros*, como tempo não existe. (Salomon, 2018, p. 5-15)

Neste sentido, é possível trazer as especificações relativas às ações humanas para perceber a história, seja na condição autor, público ou ator. É atribuída e naturalizada para o ser humano a imaginação. Conceito esse que se diferencia, na utilização para a historiografia, sendo uma ferramenta subjetiva e requisitada para explicações metafísicas e auxilia na compreensão da movimentação dos seres humanos no tempo. A questão é se combinado com o uso da *ucronia* a imaginação, tornaria para historiografia, o passado totalmente acessível, móvel e interpretativo abandonando sua posição estática. Isso traz novamente a necessidade de conceber uma nova delimitação para o passado, o presente e o futuro. Ou seja, levanta o questionamento de qual seriam os interesses para essas novas atribuições, qual importância teria para a historiografia repensar esses limites e divisões?

No entanto, isso toca na dimensão epistemológica da formação desse campo de conhecimento. Conceber não apenas realidades alternativas, ou narrativas contrafactuais, mas de acordo com a obra de Charles Renouvier, obter mudanças significativas implica, se desprender totalmente da tradição clássica. Pois não se pode fazer algo inovador a partir do que já foi instituído, pautando as aplicações com uma certa aprovação do sistema anterior, como ressalta Saidiya Hartman:

Aqui, não estou avançando a impossibilidade de representação ou declarando o fim da história, mas pensando em voz alta se a imagem de ancestrais escravizados pode transformar o presente. Faço essa pergunta para descobrir novamente a relevância política e ética do passado. (Hartman, 2020, p.19-21)

Para conferir críticas assertivas, na esperança de mudar os entornos que geram incômodos, esgotamentos, crises, e ignoram outras narrativas, de acordo com Renouvier é preciso quase que um rompimento completo para que haja o surgimento de um terreno que fertilize as novas concepções e contribuições, trazendo apontamentos aplicáveis na emergência de novas definições para a historiografia do século XX, iniciando suas formulações a partir do zero, do completo esvaziamento do tempo.

1.3 UCRONIA E O GÊNERO DE FICÇÃO.

Para além dos usos que podem ser abordados pela uchronia na formação da narrativa histórica, a ficção pode ser trabalhada de maneira ampla, atribuindo-lhe significado e usos não apenas no seu sentido conceitual, mas também analisando sua estrutura e desdobramento como gênero literário. Para estabelecer um diálogo conceitual e metodológico, o filólogo e literário alemão Karlheinz Stierle, em sua obra *A Ficção*, oferece uma análise profunda da natureza e função da ficção na literatura e na cultura. A obra é amplamente reconhecida pelos debates acadêmicos nos campos da teoria literária e estudos culturais, ganhando destaque pela sua abordagem detalhada e inovadora sobre a ficção. O livro é acompanhado de críticas positivas por conectar conceitos clássicos e modernos, servindo a diferentes visões sobre a temática e tendo influência direta na evolução e no desenrolar do papel da ficção para a sociedade contemporânea. Neste sentido, aproximar as duas categorias pode fornecer-nos um arcabouço teórico e sistemático.

Primeiro, porque os usos da uchronia para historiografia estão ligados à escrita e ao repensar os conceitos dependentes do tempo, as formulações da linguagem, do imaginário e das fronteiras da realidade. São também ferramentas que a ficção utiliza. De acordo com Stierle, existe uma afinidade entre a linguagem e a ficção, pois é ela quem faz a ponte entre o imaginário e o fictício. Diante desse cenário, o autor argumenta:

A fórmula “lire romanz”, em oposição a escutar a canção de gesta, e sempre essencial para romanz, mas em Chrétien esta forma se torna a única comunicação mediata para o dispositivo de recepção adequado para a admissão dos complexos processos internos de lembrança e memória, de perda e encontro de identidade. So-

mente Chrétien converte a leitura em uma forma estética específica de recepção, que se distingue de todas as outras formas de uma leitura alegórica da ficção. (Stierle, 2006, p. 30-35)

Seguindo o argumento de que o autor está voltado a pensar na mudança significativa da realidade, Stierle discute em seu texto que a ficção, como forma de linguagem, pode modificar o real, utilizando a imitação e a criação para isso. Essa abordagem se aproxima, de alguma forma, da proposta de Renouvier com o conceito de uchronia, no sentido de que ao remover o tempo para recriar o evento histórico, dá autonomia ao autor, é necessário recorrer à criação, imaginação, linguagem e ficcionalização. O ponto de referência inicial é a realidade do passado, o que já ocorreu. Esta referencia é importante, como destaca Renouvier:

De hecho, una de las grandes condiciones de la posesión de la humanidad por sí misma es el conocimiento exacto de su pasado, liberado de las nubes de la fábula, emancipado del prestigio de los falsos orígenes divinos, de los mandatos celestiales apócrifos y de esas tradiciones de derecho sobrehumano, a veces inhumano, que oprimen, frenan, asfixian las almas, instauran la esclavitud. Así es como el niño, al hacerse un hombre, para conocerse, debe conocer también su infancia, y apoderarse de ella como de una parte de su conciencia, pero disipando los fantasmas con los que su imaginación, alimentada por embustes de nodriza, haya podido estar obsesionada. (Renouvier, 2021, p. 33 – 40)

O segundo ponto que podemos abordar na obra *A Ficção* é a forma como K. Stierle investiga desde a formação do conceito até sua elaboração como gênero literário. Esse movimento pode servir de modelo para a maneira pela qual podemos aprofundar os múltiplos significados que a Uchronia também pode fornecer. Assim é possível partir de uma análise detalhada das ideias que influenciaram Renouvier, da definição e proposta inicial do conceito, em conjunto com sua aplicabilidade, assim como Stierle faz nos estudos sobre a ficção. Seguir esse processo metodológico nos ajuda a atribuir novos sentidos à uchronia para a contemporaneidade.

CAPÍTULO 2

UCRONÍA E HISTÓRIA

Todas as formas e tentativas de voltar no tempo, com intuito de se fazer história, remontando um fato ou evento, perpassam pela linha da imaginação e dependem da formulação temporal. Geralmente, a reconstrução de um evento histórico é caracterizada por demarcar inicialmente o espaço/tempo, apontando uma imobilização da temporalidade, começando pela época, ano ou século como ponto inicial da narrativa. Por exemplo, antes de partirmos para a escrita sucessiva dos fatos, de forma automática e obrigatória começamos com o indicativo adverbial de tempo. Em seguida, é fixada a data e, pronto, o tempo é estabelecido e colocado como indício de que aquele fato é facilmente verificável; portanto, pode receber o selo de verossímil. A marcação temporal fixada vem acompanhada de toda e qualquer concepção do que ocorreu naquele recorte de tempo. Podemos observar esse movimento no início de produções literárias e cinematográficas, entre outras, que afirmam ter algum compromisso com rigor histórico, se intitulado romances históricos, filmes baseados em fatos reais ou documentários verdadeiros.

Como o tempo, no entendimento universal, já está estabelecido e é imutável, na perspectiva do conceito de uchronia, é necessário estabelecer uma fórmula que caracteriza o tempo estático, irreversível por um período, passível de modificação e que se movimenta. Charles Renouvier propõe voltar à narrativa do evento, centralizando a possibilidade de outros objetos. Alguns deles seriam as relações e posicionamentos da humanidade, acompanhados das ideologias e preocupações humanas, expondo as inquietações, a falta de entendimento, os sentimentos e sofrimentos que os cercam. Neste sentido, esta proposta evidencia as influências conceituais anteriores, destacando o *Renascimento*, que buscava posicionar o ser humano no centro do universo, procurando respostas na ciência e se afastando das ideias teocêntricas, das quais o autor tentou se distanciar.

Lançando suas ideias ao *Racionalismo*, os dois pensamentos marcam transição para modernidade. E segue em direção as movimentações que acompanham

o período, como nos campos científicos, artísticos, ideológicos e religiosos, o caracterizando o tempo centralizado pela Razão⁴ transições essas abordadas por Renouvier de forma positiva para as suas estruturas conceituais, que abrem as condições para ter as circunstâncias humanas, como objeto central da narrativa para formar o pensamento histórico, social e científico. Sendo estas as proposições do terreno da uchronia. No entanto, na recriação do evento histórico, embora opere nas margens da história oficial, e dentro da categoria temporal, não se baseia nas divisões entre passado, presente e futuro, permitindo-se posicionar no limite das barreiras, definidas anteriormente e presentes neste período. O filósofo assim se mostrava inovador, pois determinava alterações no tempo, em que essas divisões perdem sentido, já que o relato começaria a partir das circunstâncias humanas, removendo o tempo.

Trata-se de observar a sucessão de eventos históricos e prestar atenção ao que está fora do relato e, conseqüentemente, da linha temporal, com o objetivo de resgatá-los e dar maior atenção. Para que essa sugestão se concretize, é elucidado que, de certa forma, é necessária uma experiência prática e empírica. Essas ideias, visões ou percepções de Charles Renouvier dialogam com o pensamento da ensaísta e romancista francesa Madame de Staël, que aponta em sua obra *Da Alemanha* (1810) a importância da valorização das individualidades, na razão e no espírito coletivo. A autora também discute a literatura romântica alemã, que elogia a originalidade e profundidade emocional, partindo da análise e comparação dos costumes, educação e instituições sociais. Staël está produzindo com base no mesmo período que Renouvier, e tenta inovar nos seus modos de produzir conhecimento e narrativa. A autora compartilha influências próximas com a do filósofo, como os valores cristãos, posicionamentos políticos revolucionários.

Além disso, a ensaísta também está produzindo às margens da história universal e da ciência histórica. Assim, as proximidades e influências com Renouvier, nos ajudam a interpretar as emergências e críticas ao período sobre a mudança na historiografia. Em decorrência disso, a autora tece suas críticas, questionando uma escrita próxima dos personagens enquanto seres humanos e sugerindo repensar a

⁴ “A razão, de acordo com o pensamento da Renascença, era uma manifestação do espírito humano que colocava o indivíduo mais próximo de Deus. Ao exercer sua capacidade de questionar o mundo, o homem simplesmente dava vazão a um dom concedido por Deus (neoplatonismo). Outro aspecto fundamental das obras renascentistas era o privilégio dado às ações humanas, ou humanismo.”

posição dos leitores de modo que reconheçam e encontrem seu envolvimento participativo no relato histórico, para que atenda à demanda de identificação e pertencimento na história. A ausência disso é devido;

A erudição que induziu Muller a dar demasiada importância a cada fato é-lhe bem útil quando se trata de um acontecimento realmente digno de ser animado pela imaginação. Ele narra então como se tivesse ocorrido na véspera, e sabe dar-lhe o interesse causado por uma circunstância ainda presente. seja na história seja nas ficções, é preciso, tanto quando possível, deixar ao leitor o prazer e a ocasião de pressentir ele mesmo os caracteres dos homens e a marcha dos acontecimentos. Ele se cansa facilmente daquilo que se lhe diz, mas é arrebatado por aquilo que descobre. A literatura é assimilada aos interesses da vida, quando se sabe excitar pela narração a ansiedade da espera; o julgamento do leitor é exercido sobre uma palavra, sobre uma ação que faz compreender imediatamente um homem, e com frequência o próprio espírito de uma nação e de um século. (Staël, 2016, p. 10 - 20)

Renouvier, na obra *Ucronia*, aborda diretamente a escrita da história. A romancista francesa também faz isso, porém se faz presente ainda a perspectiva de mudança pelas bases da história, trazendo a imaginação e a interdisciplinaridade, para abandonar uma versão tradicional, polida e politicamente correta da narrativa dos fatos. A escritora ainda acresce que é necessário o contato direto com o povo do relato, possibilitando atingir o sentimento de pertencimento e a produção da memória coletiva. Há uma concordância com o conceito de ucronia, pois a alteração da temporalidade traz novos modos para produzir as noções de pertencimento e memória, com base nas emoções humanas.

No entanto, apenas remover o tempo não resolve; ao contrário, apenas complexifica sua posição e relevância na historiografia. Mas atribui ideias no entorno de realocar questões que estão à margem, ou nem mesmo foram consideradas, podendo gerar reflexão e responsabilidade para o autor e uma posição crítica para o leitor. Isso implica uma contribuição ética e moral, como afirma Charles Renouvier, para trazer pessoalidade e particularidade de ambas as posições, para que sustentem o rompimento das barreiras que organizam o tempo, tal como já propôs Agostinho ao dizer que essas barreiras que dividem o tempo em passado, presente e futuro não existem efetivamente:

Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos – passado,

presente e futuro. Seria talvez justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera. (Agostinho, 2017, p. 15 – 20)

Isso dá margem para a proposta de Renouvier de anular o tempo, tornando as barreiras divisórias maleáveis em decorrência do que é importante para a narrativa. Isso Forma um passado que se altera, um presente como horizonte, e um futuro inexistente. Conforme aponta Agostinho essas estruturas são formadas na mente humana. Ou seja, tornando sua existência argumentativa para a filosofia, o que sustenta as conjunturas do conceito de uchronia para posicionar o ser humano como princípio da narrativa.

Agostinho, um intelectual da Antiguidade que antecede o surgimento do antropocentrismo, colocou o homem como medida e barreira nas definições de tempo. Ele é visto como criador das lacunas e é responsabilizado pelas noções de passado e futuro diante da formação da memória. Portanto, os acontecimentos que se encontram em condições passadas ou futuras só existem em um espaço no presente, no interior da mente humana, argumentando que modificar o passado é possível e verificável como sustenta Renouvier, uma vez que ele não existe. A barreira de modificação é transferida para a mente do indivíduo, em graus coletivos do povo e da sociedade.

Sob essa perspectiva, é possível estabelecer um diálogo crítico com as ideias do historiador e escritor francês, Jules Michelet conhecido principalmente por sua obra monumental *História da França*. Ele é considerado um dos pioneiros da historiografia moderna e é famoso por enfatizar o papel das massas e das ações coletivas nas mudanças sociais, em vez de focar apenas em grandes personalidades. Na sua obra *O Povo* (1846), o historiador argumentou que para conceber uma produção histórica voltada para enumerar características específicas de um povo, deve-se considerar a voz desse povo no relato. Caso contrário, ocorre o que o autor chama de embate entre os relatos descritos no livro e as suas lembranças. Michelet tinha ideais políticos republicanos. No campo histórico, houve desconfiança devido à sua qualidade reflexiva e profundidade, por apresentar uma produção histórica descentralizada dos grandes eventos com foco nas questões da individualidade. Nesse sentido,

é possível dialogar com o movimento que a Ucronia propõe nos interesses interpretativos e investigativos na história. A leitura de Michelet auxilia na visão das ideias de Renouvier, pois torna viável para o campo histórico ao abordar conceitos e ideias que o filósofo trabalha, como pensar no indivíduo enquanto agente de sua própria história.

Segundo Michelet o contato com a mente humana se faz necessário para produzir um evento histórico, retomando o passado através das lembranças, tocando na dimensão sentimentalista de ligação com aquele evento, emoções essas que despertam a memória individual, coletiva, traumas, esquecimentos, pertencimento e identificação. Esses pontos que devem ser considerados, para a transformação;

Não é de estranhar que, conhecendo como ninguém os antecedentes históricos desse povo e tendo eu próprio, por outro lado, partilhando a sua vida, sinta uma necessidade premente de verdade quando me falam dele. Quando a evolução de minha história levou-me a tratar as questões atuais, e ao percorrer os livros onde foram discutidas, confesso ter ficado perplexo por notar quase todos em contradição com minhas lembranças. Então fechei os livros e voltei ao seio do povo tanto quanto me era possível; o escritor solitário mergulhou de novo na multidão, ouviu-lhe os rumores, observou-lhe as vozes... O povo era o mesmo, as mudanças são exteriores; a memória não me enganava... passei então a consultar os homens, a ouvi-los falar da própria sorte, a recolher de sua boca o que nem sempre se encontram nos escritores mais brilhantes, as palavras do bom senso. (Michelet, 1845, p. 19 - 25).

A validação dessas emoções, importantes para a escrita da história, não remonta ao abandono ou quebra total do tempo, como sugere o conceito de ucronia, mas sim a uma forma de revisitar o passado de forma consciente. Isso gera uma abertura maleável para centralizá-lo a partir de outros parâmetros, como o indivíduo, o sentimento ou as relações humanas. O historiador francês François Hartog, famoso por seu conceito de *regimes de historicidade*, que explora como diferentes sociedades compreendem e lidam com o passado, o presente e o futuro, chama atenção, em seu texto *Crer em História*, para como um povo toma consciência de si mesmo diante de uma narrativa, formada por uma consciência coletiva;

Já se encontram aí, de fato, os componentes do conceito moderno de história: o tempo como ator e agente, assim como a distância, que cava, entre o campo de experiência (a lembrança) e o hori-

zonte de expectativa (a esperança), lá onde justamente se engendra, por assim dizer o novo tempo histórico. (Hartog, 2007, p. 13 - 20)

Diante desse argumento, temos uma estrutura sólida para entender as reivindicações do conceito de uchronia, pois existe a possibilidade de criar, sob novas definições de tempo, pois ele se estabelece na compreensão dos questionamentos da historiografia contemporânea, contribuindo para os espaços de rupturas com os pensamentos propagados pela Antiguidade e depois pela Modernidade. Como afirma Hartog, ao se aproximar dos panoramas inovadores para o campo histórico, eles não afetariam somente a formação da consciência humana ou a construção da memória coletiva, mas os formatos de aprender e construir o saber histórico, considerando as relevâncias conceituais da esperança e da lembrança e validando as particularidades dos seres humanos enquanto autores, personagens ou agentes da história, tal como sugere Renouvier.

2.1 UCRONIA, NOVO CONCEITO PARA O TEMPO HISTÓRICO: NARRATIVA.

Pode-se concluir, neste ponto da argumentação, que a história se utiliza da narrativa. Essa relação é importante na construção e estrutura do conceito de uchronia, se o colocarmos na posição de estabelecer como será instituída a temporalidade na organização sucessiva dos fatos. Paul Ricoeur, filósofo francês conhecido por suas contribuições significativas à fenomenologia, hermenêutica e filosofia da linguagem, é famoso também por seu trabalho sobre a interpretação e a compreensão dos textos, bem como suas reflexões sobre a identidade e a subjetividade. Suas ideias contribuem para o entendimento desta relação de história-narrativa, chamando atenção para a função de conectar as experiências que ocorrem entre espaços de tempos distintos. Uma está inserida na outra; esse elo constrói as noções do que já aconteceu, dando lugar para o passado, porém concebendo ligações correlatas com o presente. No entanto, ao juntar as propostas da uchronia e a relação entre a história e a narrativa, obtemos um misto de possibilidades para recriar eventos históricos factíveis, ainda que pelas margens do imaginativo, porque é o:

[...] Ponto de cruzamento entre duas maneiras de narrar. Uma maneira histórica, a qual explica documentos; a outra é maneira ficcional, a qual é uma exploração do imaginário. A noção de identidade narrativa que proponho é uma espécie de “misto” entre o modo histórico e o ficcional da narrativa. (Ricoeur, 2010, p. 2013 – 2015)

Para Ricoeur, a forma como uma pessoa vai se apresentar e se entender é diferente, sendo função da narrativa criar o que o indivíduo quer expor. O historiador problematiza; [...] “a seguinte hipótese: a compreensão que temos de nós mesmos é uma compreensão narrativa, isto é, não podemos apreender a nós mesmos fora de tempo e, portanto, fora da narrativa; há, portanto, uma equivalência entre o que eu sou e a história da minha vida.” (Ricoeur, 2010, p. 220).

Ao propor a discussão, Ricoeur afirma que a narrativa histórica não deve se limitar apenas a sequenciar os eventos, rompendo com a tradição do regime de historicidade. Assim, mesmo mantendo o passado como ponto de partida, pode-se utilizar a criação na história. Entrando em diálogo com Renouvier, ao remover o tempo, ele cria eventos que não ocorreram no intuito de problematizar o que aconteceu, a posição da ucronia na narrativa rompe com a forma tradicional de experienciar o tempo e gera novas ligações no tempo. Esse movimento retoma as relações entre a literatura e a história. Em certa medida, uma representa o livre uso do imaginário, enquanto a outra preserva a realidade. Ricoeur define que a separação entre as duas ocorreu devido às correntes clássicas da história, que constituíram a história como ciência e razão, sem abrir espaço para o ficcional. Esse fato sustenta as ideias de Renouvier para abandonar as influências tradicionais.

A utilização e acolhimento da ucronia pela literatura já estão bem estruturados. Isso nos leva a pensar que seus usos para a história implicam em um diálogo interdisciplinar entre a literatura e a história. Iniciando um debate sobre os usos do conceito no âmbito da historiografia, pode-se destacar as questões em torno do entrelaçamento entre a história e a ficção. Como alega Michel de Certeau (1975), historiador, teólogo e filósofo francês, conhecido por suas contribuições significativas à historiografia, que dedicou-se ao estudo de diversas áreas, incluindo psicanálise, ciências sociais e teologia.

Essas "disciplinas" distribuem-se, atualmente, por diferentes instituições (associações profissionais, departamentos universitários) que as administram e garantem sua manutenção contra os

acidentes. Certamente, o divórcio entre história e literatura resulta de um antiquíssimo processo, além de exigir demasiado tempo para ser relatado; tal ruptura patente desde o século XVII, legalizada no século XVIII como um efeito da divisão entre as "letras" e as "ciências" foi institucionalizada no século XIX pela organização universitária. Ela finca seu fundamento na fronteira que as ciências positivas haviam estabelecido entre o "objetivo" e o imaginário, ou seja, entre o que elas controlavam e o "resto" (Certeau, 2011, p. 80 - 90)

O autor problematiza que existe uma codependência entre ambas. Ao estruturando essas conjunturas, em suas análises dos escritos de Sigmund Freud para a psicanálise, De Certeau mobiliza a ideia de que Freud ficcionaliza os casos verdadeiros de seus pacientes psiquiátricos, produzindo uma interpretação da realidade. Legítima assim que essa teoria afirma a relação coexistente entre a história (realidade) e a ficção (interpretação). O Romance, até certo ponto, restaura essa relação abandonada pelos séculos passados, pois a literatura desempenha o papel de construir uma base teórica com o objetivo de estabelecer o contato da história com sua sociedade.

Ao propor essa discussão, abre-se a oportunidade de desenvolver os conceitos sensíveis mencionados no primeiro capítulo, como a memória, a esperança, além das particularidades e sentimentos de conexão humana, a partir da proposta de Renouvier, e para desenvolvê-los em outra formação temporal. De Certeau configura que o conhecimento histórico inclui a ficcionalização e relatos verdadeiros, como divisores de questões como culturais, nacionais, classes, profissionais e geracionais, tal como proposto por Michelet. Embora ambos toquem nas dimensões apresentadas por Renouvier para a formação da narrativa, a proposta da uchronia sugere dois pontos: 1) experiências particulares e; 2) uma leitura teórica geral dos acontecimentos. Isso aparece em De Certeau, que coloca a historiografia no centro dessas dualidades, num labirinto de conjunturas e relações que ela ainda não domina. Ao instaurar esta crítica o autor demarca uma produção, em favor dessas ideias, à margem da ciência histórica.

2.2 UCRONIA, NOVO CONCEITO PARA O TEMPO HISTÓRICO: MEMÓRIA.

Fundamentar a escrita, com modificações nos eventos históricos com o intuito de trazer novas formulações, alcançando uma sensibilização, reflexão ou conexão com os atores diretamente ligados às narrativas dos eventos, implica conjecturar sobre o que permeia a *memória*. Seja ela coletiva ou individual, estabelecida ou em formação, há um interesse no conhecimento histórico em relação a criação do imaginário popular no entendimento das temporalidades. Isso coloca em evidência as emoções que envolvem a sensibilidade nas margens e sequelas dos eventos emblemáticos e traumáticos da história, como Holocausto, a escravidão e as ditaduras. Isso tem consequências de compreensão universal, afetando o indivíduo direta ou indiretamente, seja em sua formação coletiva ou individual.

A discussão sobre a memória começa a emergir na esfera pública e ganha notoriedade na historiografia em meados da década de 1980. Segundo afirma François Hartog, a memória tornou-se um instrumento de noções fundamentais para discursos de comunicação pública e privada. Portanto, suas utilizações no meio público se manifestam em usos políticos e nas mídias digitais, nas mãos do poder do sistema, ocasionando reivindicações pelo direito à memória e a necessidade de criar leis memoriais. Quando Renouvier propõe novos contornos para revisitar os fatos do passado, qual seria a forma adequada de lidar com as questões em torno da memória? Isso se encaixa de forma consciente, especialmente se o que for modificado restaurar alguma lembrança deixada para o esquecimento ou impunidade;

Assim como o constatava o velho Aristóteles, na sua Retórica, o discurso judiciário reporta-se ao passado, enquanto o discurso deliberativo, aquele que se pronuncia em uma assembleia, reporta-se ao futuro, e o terceiro gênero, o discurso panegírico, inscreve-se no presente. A justiça ordinária tem absoluta necessidade da memória, mas muito menos da história. Ela não faz história. Mas lhe acontece de fazer a história. (Hartog, 2017, p. 10 - 15)

Assumindo assim que o papel de julgamento da história implica no retorno à ideia de uma nova temporalidade, deixando de lidar com o passado como mera revisão e dando lugar a um passado imprescritível. O historiador exemplifica com o Tribunal de Nuremberg de 1945, diferenciando as temporalidades implícitas no judiciário, que a memória está sendo interrogada com finalidade de atribuir uma sentença. E acresce na argumentação, um campo que as aproximações do conhecimento público, têm dois tipos de memória; a lembrança imortalizada do evento, em acordo com a versão oficial, e a memória real das pessoas, construída pela emoção,

crenças e ideologia. Renouvier também traz essa dimensão de julgamento e consequências no retorno a lembrança, na ideia de que;

El mundo ofrece entonces un aspecto desolador a quienes no están envilecidos. En presencia de las leyes de la conciencia violadas y de las leyes inviolables del universo, manantial de los bienes y de los males de la vida humana, las almas escogidas se refugian del espectáculo de lo que es en la creencia de lo que debería ser y lo que será. Suponen un soberano supremo, un juez oculto de los acontecimientos y de las existencias; o incluso conciben ciertas fuerzas inherentes al movimiento cósmico y directoras del curso perpetuo de la vida, por cuyo efecto las personas, despojadas de sus formas actuales, encuentran, más allá de la sepultura, nuevos rangos que la conciencia ratifica, recompensas por sus virtudes y penas ineluctables infligidas por sus vicios. (Hartog, 2017, p. 70 - 80)

Contudo, de acordo com algumas concepções que destacam o afastamento entre memória e história, estabelecido pela questão temporal, a memória enquanto lembrança é inconstante e volátil, pois depende das formulações pessoais do indivíduo e está ligada exclusivamente a eventos passados. E a história, enquanto saber científico, deve atentar-se às demandas que afetam o presente, problematizando e gerando reflexão. Nessa divisão, formou-se uma lacuna temporal na produção historiográfica, abrindo espaço para a inserção da categoria de ucrônia que oferece uma nova abordagem para as memórias particulares de agentes históricos, pois reformular o tempo na narrativa, preenche esse espaço com a junção de memória, interpretação, imaginação e fatos. Segundo algumas definições da atribuição, afirma-se que:

A história, por sua vez, é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 9). Ao contrário da memória, a história busca uma representação crítica do passado. Assumir, portanto, a complexidade da história é a primeira de nossas tarefas. O fato de estarmos cientes da dificuldade de construí-la, afasta-nos, mas não elimina o perigo de construirmos apenas memórias. (Menéndez, 2016, p. 20 - 25)

Marcia Mota Menéndez, historiadora brasileira, conhecida por seus estudos sobre a história agrária no Brasil, lança suas críticas e estabelece o cuidado dos usos da memória para produzir história, entende-se que ela utiliza a memória para, em certo ponto, gerar comprovações e desconstruções. Contudo, seus usos são delimi-

tados, o que leva a refletir sobre as extremidades e limites que a historiografia alcançaria para uma contribuição efetiva na comunicação social, tendo a memória como ferramenta. Em diálogo com o que Renouvier aborda de que como ao longo do tempo, as concepções religiosas e filosóficas se utilizam do passado para justificar e restaurar crenças e dogmas, mesmo que essas concepções negativas fossem perdoadas pelo contexto histórico que ocorreram. Isso é feito para reabilitar e justificar teorias contraditórias.

Em contrapartida, o conceito de Ucronia oferece uma forma de reparação histórica e conscientização de novas maneiras de interpretar o mundo, reinventando o passado por meio da cultura para resgatar vítimas de apagamentos e esquecimentos de identidades de grupos e povos sociais que estão à margem da sociedade. Isso é resultado de uma desigualdade social, que nem mesmo aparece nos relatos ou nos registros oficiais. O enquadramento conceitual ucrônico se dispõe como mais um mecanismo para considerar os graus de dificuldade, resgatar e imaginar o que não está presente, mas existe, destacando a necessidade de reformulações e preenchimentos dessas lacunas na escrita decorrentes das questões temporais.

2.3 UCRONIA, NOVO CONCEITO PARA O TEMPO HISTÓRICO: TRAUMA.

A história está necessariamente ligada a conjunturas do que seria o *trauma*, é importante considerar a ideia que discutimos as condições da memória no sentido de uma nova formulação de tempo, utilizando o argumento de rompimento com as percepções de presente, passado e futuro. O trauma é formado por consequências e acontecimentos do passado, considerando o tempo em outros contornos já existentes, mas de maneira consciente e significativa, destacando que certos eventos são cunhados de sentimentalismo.

Uma frase pode explicar rapidamente a forma como enxergar as barreiras do tempo na mente humana. Ela diz o seguinte: *Se um acontecimento do passado ainda está em sua mente então ele é do presente*. Sándor Ferenczi, psicanalista húngaro e um dos colaboradores mais próximos de Sigmund Freud, argumenta a favor da importância da empatia e da contratransferência, e demonstra como o tratamento de traumas infantis continua a influenciar a psicanálise moderna.

Finalmente tem lugar o terceiro tempo da cena traumática: a verdade trazida pela criança é desacreditada por um adulto, configurando o que Ferenczi chama de desmentido, que advoga para si o potencial desestruturante do trauma, ponto principal a atestar a originalidade da teoria ferencziana. O que confere o aspecto traumático não é exclusivamente a intensidade da experiência ou a predisposição da criança, mas, sobretudo, a acolhida da experiência traumática que é promovida pelo ambiente que a cerca. (Canavêz, 2013, p. 4 - 8)

Ferenczi nos ajuda de que forma pode-se entender a formação do trauma, trazendo a ideia de que existem três formas de definir o tempo do ocorrido, na compreensão de como funciona a mente humana individual e social. O primeiro é o tempo do indizível, o momento em que está ocorrendo o evento que pode vir a ser um abuso, uma violência na qual o indivíduo não consegue identificar está acontecendo. O segundo é a instância do testemunho onde já se tomou consciência e inicia a busca por um ambiente seguro para relatar. E o terceiro é o tempo do desmentido quando o ambiente de escuta do ocorrido gera uma nova narrativa e coloca por cima do testemunho alterando o ocorrido, criando a descrição dos fatos, no contexto interpretativo. Segundo a psicóloga da USP “A teoria ferencziana acerca da traumatogênese permite, portanto, ir além de explicações deterministas – e, como tais, reducionistas – para contemplar as demais forças em jogo na vivência do trauma” (Canavêz, 2013, p. 5- 7). Ao propor a discussão, é possível partir dessa teoria da psicanálise, na busca para formular as bases teóricas para a categoria de uchronia. Na análise dos eventos traumáticos da história, existem estágios semelhantes que, no entanto, não consideram as individualidades humanas, e apresentam consequências que transcendem e geram sentimentos que ultrapassam o tempo do evento. Para Renouvier o trauma pode aparecer como uma interrupção ou choque no desafio das continuidades na experiência e da consciência individual. O filósofo enfatiza a liberdade e responsabilidade pessoal, a identificação desse trauma pode exercer a liberdade e atribuir sentido no movimento de modificação da narrativa dos eventos, o que na sua obra mostra-se uma interferência no sistema na consciência social:

No les convenía llevar tan lejos la investigación, pues, en tal caso, o bien era necesario abandonar definitivamente su firme convicción de la necesidad moral; y entonces habrían creído que se les hundía la tierra bajo los pies, que iban a la deriva hasta dar con

una teología antropomórfica que manejase la hipótesis consensuada del libre albedrío; o bien, llevados a la fuerza a ver las consecuencias del determinismo histórico, era necesario reconocer la legitimidad superior, por necesidad, de los mismos actos cuya condena proclamaban, la utilidad de los degollamientos y las piras, la verdad de los errores y las falacias. (Renouvier, 2021, p. 38 - 40)

É possível estabelecer um diálogo com Svetlana Aleksievich, escritora e jornalista bielorrussa que escreveu livros como *Vozes de Tchernóbil* e *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*. Ambos abordam eventos históricos significativos através de testemunhos pessoais. Sua relevância para a história se mostra significativa e impactante, oferecendo uma concepção mais humana, profunda e sentimental sobre os eventos traumáticos, pois sua escrita combina com elementos do jornalismo e literatura para relatar os testemunhos, e traz uma compreensão mais complexa da história.

Na perspectiva das divisões temporais na formação do trauma, abordado pela escritora, aquelas divisões da psicanálise reaparecem, em sua obra, *Vozes de Tchernóbil*. No relato inicial, a jornalista conta que a cidade não tinha noção das proporções do acidente nuclear. Quando se percebe a gravidade das consequências, surgem os testemunhos, que se dissipam em meio às declarações da imprensa. Inicia-se o processo de construção para um evento descrito em consonância com o argumento do governo soviético, e as evidências sequenciais do acidente vão formar narrativa oficial;

Na noite de 26 de abril de 1986... em apenas uma noite nos deslocamos para outro lugar da história. Demos um salto para uma nova realidade, uma realidade que está acima do nosso saber e acima da nossa imaginação. Rompeu-se o fio do tempo... O passado de súbito surgiu impotente, não havia nada nele em que pudessemos nos apoiar; e no arquivo onipotente (assim acreditávamos) da humanidade, não se encontrou a chave que abria a porta. Mais de uma vez ouvi naqueles dias: 'Não encontro palavras para expressar o que eu vi e vivi'; 'Ninguém antes me contou nada parecido'; 'Nunca li nada semelhante em livro algum, nem vi algo assim em filme algum'. Entre o momento em que aconteceu a catástrofe e o momento em que começaram a falar dela, houve uma pausa. Um momento de mudez. (ARENDT, 1997, p. 10 - 20)

Usando de sua proximidade com o evento, Aleksiéovich, forneceu seu próprio testemunho. Diz que, para ela, as fronteiras do tempo foram rompidas, e a demanda para relatar a história de maneira eficaz e verossímil, dentro dos parâmetros estabelecidos, parecia impossível. Porque aquele não era o tempo para a história, sugerindo-se questionar qual é, então, o tempo apropriado, e qual é a responsabilidade historiográfica nesse contexto. Sob essa perspectiva, é possível considerar as sugestões que Renouvier está propondo com o conceito de ucronia para repensar os pilares da escrita historiográfica.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA COM UMA PERSPECTIVA UCRONICA.

É importante considerar que observar o passado na construção do relato histórico deixou de suprir as inquietações e necessidades de uma sociedade contemporânea em virtude das perguntas do presente. Isso permite desmontar a compreensão de tempo sugerindo uma ruptura com as barreiras do passado, presente e futuro estabelecendo novos limites para a temporalidade. Neste sentido, a compreensão de como se estrutura os conceitos, que estão diretamente ligados a concepção de tempo como esperança, trauma, memória e reivindicações da verdade, se complexificam, considerando que o raciocínio proposto pela uchronia coloca em questão suas relevâncias para a história, acrescentando reflexões que questionam os fundamentos da produção histórica.

Charles Renouvier aponta suas críticas aos modelos de escrita da historiografia antiga reconhecendo vestígios ainda presentes no século XIX. Estruturando seus apontamentos no núcleo da temporalidade, utiliza-se das definições temporais clássicas para justificar sua metodologia, e desenvolve o conceito para revelar as forças que sustentam a história. A principal função é isolar o evento histórico, remover o tempo e o espaço, conferir modificações reflexivas e reescrevê-lo na perspectiva das consequências e resultados que poderiam ter ocorrido, supondo novas orientações no papel dos seres humanos no contexto histórico e reavaliando seu lugar no mundo. Além disso, o filósofo resgata a necessidade de refletir sobre os espaços vazios que beneficiam uma estrutura de poder, legitimando as ideias de causa e efeito e apontando para adequações que possibilitam modificar e proporcionar um pensamento crítico sobre as ideias de tempo e tudo o que é produzido e afetado por ele.

3.1 LEITURAS CONTEMPORÂNEAS: NOVAS FORMAS DE ENTENDER E DIVIDIR O TEMPO.

O conceito de Uchronia emerge na transição de períodos, fornecendo críticas ao século XIX e diagnósticos de mudanças nos processos históricos. Posteriormente também confere sentido ao espaço contemporâneo, se demarcamos o início de acontecimentos que marcam transições e diferentes visões de mundo. O marco dessa

transição é a Segunda Guerra Mundial que levou a uma reavaliação das ciências humanas, caracterizada por novas maneiras de compreender o mundo diante de um período de violência global que quase alcançou seu desfecho catastrófico.

Ao considerar a Ucronia e seus novos significados para a atualidade, um debate contemporâneo se depara e se aproxima de conceitos que também surgem para a análise desse período, por meio de personalidades importantes para a história. Devido a novos cenários para enxergar o tempo e às ações catastróficas dos seres humanos, são formuladas análises para o presente, tornando progressivamente possível um futuro sombrio. Porque a humanidade experimenta a sensação de estar próxima do seu fim. Nesse contexto contemporâneo, surgem concepções como a ideia de *desconstrução*, tal como apresentada por Jacques Derrida. A noção envolve uma análise interna de discursos e textos que podem trazer pressupostos e intenções que não estejam aparentes. Outra tendência é dada pelo *relativismo*, que ganha força na pós-modernidade com novos significados que podem se inserir em outros campos como relativismo cultural, histórico, moral e epistemológico. Sua definição é basicamente a noção de que a verdade e o conhecimento são relativos e dependem do contexto cultural, histórico e social. Não há assim uma verdade absoluta ou universal. Sob essa perspectiva, emerge uma sociedade empenhada em revitalizar o espírito utópico, utilizando a ficção como ferramenta para transformar a realidade e moldar um novo mundo. No entanto, nesse contexto, surge também a distopia, com uma visão negativa desse novo mundo.

Considerando o diálogo interdisciplinar, para pensar a ucronia inserida na contemporaneidade, em questão de revolução historiográfica pensando a temporalidade e a escrita da história é imprescindível chamar a atenção para o que Saidiya Hartman está fazendo. Escritora e professora universitária na Universidade Columbia, especialista em literatura e história afro-americana, conhecida por suas principais obras como *Perder a Mãe: Uma Jornada ao Longo da Rota do Atlântico da Escravidão* (2007) e *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias Íntimas de Agitação Social* (2019). Em seu artigo *Vênus em dois atos*, (HARTMAN, 2020, p. 20-30) a autora argumenta sobre o rompimento necessário da história com o tempo tradicional. Isso aparece quando Hartman utiliza documentos oficiais para construir a narrativa de duas jovens escravizadas mortas no navio negreiro, buscando resgatar um fato do passado e escrever uma história de acordo com a método científico que

supõe ser o mais próximo da verdade. Justificada em fontes oficiais, fragmentos, vestígios e interpretações dessas fontes, sejam elas iconográficas, textuais ou orais, tornando o contato com o passado uma interação com esses documentos.

Em contrapartida, ao realizar esse movimento, Hartman questiona se recorrer ao passado deve se limitar apenas ao que está registrado, motivo pelo qual se viu confrontada ao tentar contar a história das escravizadas, vítimas dos navios negreiros, que foram mortas e violentadas por seus carrascos, posteriormente julgados e inocentados. Nos registros do julgamento, o nome de uma das vítimas foi mencionado apenas uma vez, enquanto a outra sequer tinha nome. O único registro era sua existência, sem nenhuma informação adicional. A autora destaca a dificuldade de narrar a trajetória de um personagem sem registro:

O que mais há para saber? Seu destino é o mesmo de qualquer outra Vênus Negra: ninguém lembrou do seu nome ou registrou as coisas que ela disse, ou observou que ela se recusou totalmente a dizer alguma coisa. A sua história, contada por uma testemunha falha, é extemporânea. Seriam necessários séculos para que lhe fosse permitido “provar sua língua”. (HARTMAN, 2020, 20-30)

A narrativa assumirá consequentemente o ponto de vista do perpetrador do crime, pois não temos o testemunho e a trajetória delas. Para a autora, isso seria replicar a violência, e por isso é preciso ir contra essa narrativa. Trata-se de habitar o impossível e se estabelecer nas brechas das ciências sociais, retirando do isolamento estas pessoas e perspectivas que nem mesmo foram registradas. Nesse ponto, se insere o conceito de ucronia, porque se trata da tentativa de abordar o impossível, de voltar no passado e abandonar a forma tradicional do tempo. O não-tempo e a ficcionalização permitiriam contar a história de lugares, pessoas, decisões, pensamentos e sentimentos inexistentes, mas factíveis. Assim como as jovens não foram mencionadas, não foi atribuído a elas qualquer ação, reação, movimento, sentimento, não sabemos de onde vieram, quando vieram, quais suas filiações e o que tinham antes de qualquer ocorrido. Foram apagadas e reduzidas à mera mercadoria, números em registros financeiros, e a morte as impedia ao menos de expressar defesa em seu favor, nem mesmo a dignidade de serem lembradas lhes foi dado. Além disso, voltar ao relato não é suficiente; é necessário explorar ao máximo para revelar o que está em oculto. Mas, acima de tudo, é preciso mudar os métodos e produzir a

partir do silêncio, do nada, do impossível e do inexistente, implicando uma nova relação com o tempo. De acordo com Hartman,

A temporalidade condicional do “que poderia ter sido”, segundo Lisa Lowe, “simboliza adequadamente o espaço de um tipo diferente de pensamento, um espaço de atenção produtiva à cena da perda, um pensamento com atenção dupla, que procura abranger os objetos e métodos positivos da História e da ciência social e, simultaneamente, as questões ausentes, emaranhadas e indisponíveis pelos seus métodos (Hartman, 2020, p. 28 - 30)

Abrir a temporalidade e repensar esses espaços vazios, silêncios e apagamentos é o que defende Hartman. Baseando-se na proximidade com o conceito de uchronia, sem que se torne um romance, é necessário manter o compromisso com a verdade e o cuidado com a escrita. Essa é uma forma de dar voz aos mortos, com uma atenção especial ao sentimentalismo e à sensibilidade, ampliando a complexidade. Talvez seja essa a única reparação e resgate de sua existência. Esse movimento de desfazer o tempo, para que seja possível resgatar e modificar o que realmente aconteceu, utilizando a imaginação e conferindo mudanças éticas e morais, é o que Renouvier está fazendo com a categoria de uchronia. A escrita e metodologia de Hartman contribuem para visualizar as implicações de seus usos na escrita da história. Sendo está a oportunidade de revisar o passado e configurá-lo, já que o presente é que molda o passado, e ele é o responsável por determinar o que vai ser lembrado. De acordo com Renouvier, as mudanças só podem ser feitas do e no passado, “Una historia alternativa que altera el pasado y crea un futuro localizado también antes del presente [...] (Renouvier, 2021 p 18 -20). E se pensarmos nos interesses que se sobrepõem a isso, percebemos que são as manobras de controle da narrativa por parte dos poderes que regem o sistema social, instrumentalizando o passado.

Por conseguinte, as finalidades da história que deve necessariamente emergir seu conhecimento e se voltar para questões de formação de memória social, estabelecendo um diálogo com o que já foi escrito. De acordo com a autora, é essencial oferecer novas conjunturas dignas de futuros-passados a pessoas, povos e grupos sociais que não tiveram a chance de se movimentar em direção a uma melhor posição para serem lembrados;

O arquivo, nesse caso, é uma sentença de morte, um Túmulo, uma exibição do corpo violado, um inventário de propriedade, um tratado médico sobre gonorreia, umas poucas linhas sobre a vida de uma prostituta, um asterisco na grande narrativa da História. Dado isso, “é sem dúvida impossível apreender [essas vidas] de novo em si mesmas, como se elas estivessem “em um estado livre”. (Renouvier, 2021, p. 15 – 20)

Seu posicionamento diante desse relato histórico, nos aproxima do que é proposto por Renouvier, quando defende o fim do tempo, a ausência dele nos possibilitaria recriar o relato das escravizadas, da ótica que fosse necessária para atribuir o que fosse preciso, acrescentando concepções política, ideológica e moral. Porém não abandonam o verdadeiro, sendo verificável, se utilizando da imaginação para ficcionalizar o que poderia ter de fato ocorrido no evento em questão, respondendo a uma finalidade. Para a história, o compromisso com a verdade é inegociável, mas utilizar a ficção como propõe Renouvier não é faltar com o que seja verdadeiro, nem mesmo inventar, mas analisar de acordo com toda a decorrência do evento o que poderia ter ocorrido. Atribuir sofrimento às vítimas desse navio negreiro, não é inventar, mas dizer o que não foi dito. Seria o abandono da tradição da escrita da história, algo que para a ciência é natural e inerente ao ser humano.

É importante tentar resgatar a alma e a dignidade de um personagem que nem mesmo foi mencionado em documentos e, portanto, está fora do tempo, de acordo com Hartman, ‘*é extemporânea*’. O que exemplifica tal descolamento, apresentado pela categoria de ucronia;

Entretanto, como recuperar vidas emaranhadas com e impossíveis de diferenciar dos terríveis enunciados que as condenaram à morte, dos livros de contabilidade que as identificaram como unidades de valor, das faturas que Comunicação afirmaram como propriedades e das crônicas banais que as despojaram de características humanas? (Hartman, 2020, p. 10 – 15)

Diante desses apontamentos, no artigo *Tempo da escravidão*, a escritora norte-americana, apresenta que os escravizados africanos são citados nos relatos, apenas como números da contabilidade, e são descritos como objetos de tortura, onde são apresentados nos relatos, de uma ótica violenta na sequência dos fatos, seus nomes, filiações, seu modo de falar, suas vontades subjetivas nem mesmo existem ou são necessárias para compor os documentos, são meros números na conta-

bilidade dos bens de alguém. O que nos liga às concepções de redefinir as contribuições humanas, de forma a alterar de forma significativa os relatos, dando a chance de acrescentar o que ficou de fora do relato oficial, como sugere o conceito de uchronia. A proposta de Hartmann nos ajuda a compreender a disposição em que são colocados os personagens da história, e em como é pertinente refletir pois isso afeta diretamente a escrita da história. A autora chama a atenção até mesmo para a nomenclatura de “personagens” dizendo que dessa forma é retirado o caráter de ser humano, tanto nos grandes personagens sendo considerados, heróis, figuras divinas, isentos a defeitos etc. Enquanto os menos favorecidos são reduzidos a números e objetos. No seu texto, a autora enfatiza que os personagens, desse ponto, na narrativa não são humanos.

Uma autora que também apresenta esse eixo de que os personagens estão acima do humano, é Ursula Kroeber Le Guin, escritora estadunidense, mais conhecida por suas obras de ficção especulativa e ficção científica. *A Ficção como cesta: uma teoria*, contribui para o debate juntando alguns pontos que se aproximam do que está proposto para uma nova leitura dos tempos para a história. Ela aborda as noções de uma história da qual os humanos não fazem parte, uma história preenchida e narrada por quem promove ações violentas, uma história de caçadores preocupados com o abate de suas presas. Diante disso, é difícil narrar de forma emocionante uma outra história de ações reais, ainda que não seja impossível. Por isso, defende a emergência de uma história nova. “A ficção que personifica esse mito sempre será, e sempre tem sido, triunfante (O Homem conquista a terra, o espaço, os alienígenas, a morte e o futuro etc.) e trágica (apocalipse, holocausto, depois ou agora.” (Le Guin, 1986, p. 3 - 5)

Essa história não tem somente Ação, ela tem um Herói. Heróis são poderosos. Antes que você possa perceber, os homens e as mulheres no campo de aveia silvestre, bem como suas crianças, e as habilidades dos criadores, e os pensamentos dos que pensam, e as músicas dos que cantam, tudo isso se torna parte do conto do Herói e fica a serviço desse tipo de narrativa. Mas essa não é a história deles. É a história do Herói. (Le Guin, 1986, p. 3 - 9)

Como fazer para realocar indivíduos que praticamente não existiram, ou não são emocionantes, numa primeira tentativa de escrever a história, ou num relato universal como é o da escravidão? Deve-se partir da premissa de que o passado não acabou, voltar ao passado não é eficaz, esses personagens não estão lá, o argumento

é que precisa ser resgatado, tirar eles das tumbas em que foram colocados para que falem, que deem detalhes que não temos, que apresentem seus nomes, que digam suas aflições e partir disso para escrever a história. Isso é necessário porque o apagamento e o silenciamento deles estão dizendo que só se tem um lado digno de ser lembrado, as consequências reivindicam a criação de algo já existente, retornado à ideia do conceito de uchronia, elaborando uma conexão entre história e cultura, introduzindo filosofia *do que deveria ter sido*.

Como a narrativa pode encarnar a vida em palavras e, ao mesmo tempo, respeitar o que não podemos saber? Como alguém ouve os gemidos e gritos, as canções indecifráveis, o crepitar do fogo nos canaviais, os lamentos pelos mortos e os brados de vitória, e então atribui palavras a tudo isso? É possível construir um relato a partir do “lôcus da fala impossível” ou ressuscitar vidas a partir das ruínas? Pode a beleza fornecer um antídoto à desonra, e o amor é uma maneira de “exumar gritos enterrados” e reanimar os mortos? (Hartman, 2020, p. 18 – 20)

As ideias de Hartman nos fornecem uma estrutura sólida para pensar o conceito de uchronia na realidade contemporânea, e considerar a utilidade de se anular o tempo, conferir mudanças e romper com as barreiras da temporalidade histórica. Ele somente elucida e nomeia o que precisa ser centralizado e que, segundo a autora, esse tempo muito bem dividido e estipulado não é uma realidade para a contemporaneidade. Podemos mencionar *A trama para acabar com ela*⁵ que trabalha com a agência do ser humano, na produção histórica, seja de personagens, eventos e narrativas históricas, visando dar centralidade aos atores enquanto pessoas. Isso remete a uma escrita a partir de afirmações do que seja necessário para “acabar” com uma mulher ou pessoa, dando abertura para interpretar as formas de destruir interna e externamente um ser vivo. Descrevendo assim, fatos do passado e do presente dessas narrativas violentas, sugerindo estar na mesma plataforma de influência negativa, de passados próximos, de presentes distantes e de futuros mais próximos que o passado.

Entretanto, assumindo que o princípio violento é o mesmo, independente do tempo, o que muda é a ideia de estar em tempos diferentes, mas que replicam as mesmas ideias. Podemos interpretar, de acordo com Hartman, que não existe um

⁵ Um poema de Hartmann, que coloca sequências de acontecimentos históricos e políticos de épocas distintas, numa mesma ótica temporal com os mesmos resultados negativos para indivíduos, sociedade e culturas partindo da discussão de gênero e raça.

rompimento entre o passado e o presente apenas uma reprodução, que são classificadas de forma genérica. De maneira que os tempos estão entrelaçados, com começos servindo como meios, fins atuando como meios e meios funcionando como começos. As consequências convergem para um único resultado ou se manifestam de várias formas com o mesmo sentido. Renouvier propõe colocar os seres humanos no centro, destacando seu movimento para começar a escrever e entender suas participações para tentar romper com um ciclo de repetições de narrativas, trazendo novamente os pontos: a política, ideologias, religião, economia, desigualdade social, mobilidade e meio ambiente. Por exemplo, como Hartman destaca em seus textos, as emoções e consequências descrevem os eventos a partir do resultado. O tempo aqui assume um papel secundário permitindo que o interpretativo e imagético manifeste como ele surge:

A trama para acabar com ela começa com o envio dela como carga, com o lugar designado a ela no fundo, com o estado interminável de derrota, com a capacidade dele de ainda suportar o pior. A trama para acabar com ela começa com o endurecimento do mundo. Com ser agredida, humilhada, desonrada. Com ser expulsa. Começa com o muro, com a cerca eletrificada, com o míssil teleguiado, com o embargo, com os helicópteros policiais e os drones militares procurando por todos aqueles fora do lugar ou em fuga. Começa com o golpe seco na nuca, com ser impedida de respirar, com a recusa de apagar o cigarro. (Hartman, 2020, p. 10 – 20)

A autora descreve as consequências que advêm da violência causada por quem tem voz, por quem faz e dita a narrativa, por quem conta a história. Com isso se destaca a posição social, a cor da pele, o sofrimento da mulher, perpassando pela colonização, ditaduras, escravidão, políticas públicas, qualquer ponto no tempo diante dessas conjunturas se colocam na mesma planificação. Desse modo, as hipóteses de que o passado, presente e futuro ganharam novos contornos, não havendo separação entre eles. Pois as consequências prejudiciais citadas se entrelaçam, se perdem entre os eventos, e os fatos e consequências não tem início e nem fim. Rompendo também com as correntes, que enxergam o tempo de forma linear que começa e atinge um fim, e que pode ou não encontrar um lugar de esperança ou algo melhor, como sugere o tempo progressivo.

A trama para acabar com ela começa com o homem, a soberania, o sujeito, o senhor de si, o corpo padrão, o padrão, o gênero, o

razoável, o neurotípico, começa com a hierarquia vertical da vida, com a distribuição desigualdade morte, com as enunciações “Eu penso” e “Eu sou” e “Eu tenho” e “Eu desejo”, com os possessivos “meu” e “minha”, com o portanto e o daqui para frente, com o aumento futuro, com a santificação da propriedade. (Hartman, 2020, p. 5 – 10)

A contemporaneidade, diante das hipóteses de novas leituras para o tempo, já experimenta e sugere uma renovação, pois o passado como referência e detentor de todas as informações não mais existe e o presente precisa abrir espaço para o conceito. Para Hartman, por meio da fabulação crítica, o passado precisa ser recriado, remodelado e deve repensar sua objetividade e os mortos precisam ser interrogados, o trauma, o luto, o sofrimento ditando o quão próximos estamos deles. Segundo a autora, “História que fere. A masmorra não oferece redenção. Considerar nossa responsabilidade para com os mortos não pode salvá-los. O vencedor já venceu. Não é possível desfazer o passado.” (Hartman, 2020, p. 17-20)

3.2 IMAGINAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA DEFINIR O TEMPO MODERNO.

Trata-se enfim de escrever a história com a possibilidade de trazer questões alternativas, reformulando todo o evento no diálogo entre as proporções do sentimentalismo humano, sem uma estrutura de tempo. Isso demanda o uso da imaginação, requer estabelecer o que não está proposto. Aparece assim a função e atuação do historiador, que deve, a partir dessas determinações, se utilizar do conceito de imaginação para conceber a narrativa histórica, ponto em que se distancia da historiografia tradicional. Neste sentido, é dada uma liberdade artística, para que o historiador seja livre para criar sua obra de arte. Porém, para a historiografia isso leva ao questionamento de sua produção enquanto ciência, como vimos nos exemplos acima de historiadores e filósofos, que foram considerados amadores e descompromissados quando escreveram às margens da história. A sensibilidade parece não ser evidente nas investigações do historiador, diante das hipóteses que levantamos para uma nova perspectiva para o fazer historiográfico. Se utilizar do conceito de ucronia demanda a reflexão sobre o que deve ser colocado em evidência, sobre as atribuições do responsável por escrever a história. Renouvier assim põe em questionamento a maioria das engrenagens que constituem a historiografia.

Wilhelm von Humboldt, um diplomata e filósofo alemão, no texto *Sobre a Tarefa do Historiador*, consegue argumentar em relação à aproximação da história com a arte, e do historiador como poeta. Suas alegações são receptivas a ideia de o historiador se usar da imaginação para montar o relato, porém aponta para o fato de que o historiador trabalha com fontes, sendo documentos escritos, orais, iconográficos etc. Ele deve se manter fiel a crítica, imparcial e exata dos acontecimentos e depois juntar todos os fragmentos encontrados. e partindo disso se articula com o que não foi encontrado, sendo parte do autor articular o verificável com o conhecimento prévio. Mantendo o compromisso com a verdade, o historiador é autônomo para atribuir a construção do conhecimento de acordo com o objeto trabalhado. Então os elementos, que pode ser usado é verdade dos fatos em conjunto com a complementação, articulação e uso da fantasia de acordo com a observação imediata incompleta e imediata se caracteriza um uso poético dos fatos e para o historiador se destaca o uso de se estabelecer conexões.

A imaginação é algo inerente ao ser humano, e a capacidade da história se aproximar da arte, da natureza, da humanidade e da verdade dos fatos. A imaginação atua como liga e forma de conexão dos relatos com os personagens do relato, mesmo que ainda esteja ligada ao exercício de pensar toda a humanidade no decorrer dos tempos. Ela dispõe da capacidade de fazer com que personagens não morram de acordo com a ameaça do tempo. Resgatar esses mortos, eventos do passado e fazer com que tenham sentido é uma das ferramentas da imaginação. Como argumenta a historiadora Lucy Salmon:

Mas nossas flores, arbustos e videiras, desta forma muito concreta, não apenas nos põem em contato com as nações do mundo, mas também nos apresentam o velho mundo da união e do conflito entre realismo e idealismo, [entre] o literal e o imaginativo. O realismo nos confronta nos nomes da ipomeia, da videira de trombeta, da madressilva e da tulipa, enquanto a imaginação e o idealismo nos dão o heliotrópio, a hortênsia, o narciso e o jacinto. No entanto, é o realismo dos gregos que brota dos nomes do heliotrópio e da hortênsia, enquanto passa por uma mudança radical, tornando-se, para nós, palavras da imaginação e do idealismo. É possível que o realismo de um se torne o idealismo do outro? E se todo o nosso realismo tivesse seu lado imaginativo? E se nosso idealismo tivesse suas raízes no realismo? (Salmon, 1913, p. 3 – 20)

Podemos entender que pode haver um pequeno espaço em que a verdade e o imaginário se encontram. Para a uchronia, acrescentar fatos que não estão inseridos naquela época do ocorrido não necessariamente constituem uma invenção, uma mentira ou ficção. Para se estabelecer um contato com os tempos passados, a imaginação se faz presente, mesmo que não seja de forma explícita, ou que ela baseie algum argumento e quanto estamos falando de um contato com a singularidade dos seres humanos é feito de forma automática. Realizar mudanças no evento do passado, no sentido de remover a temporalidade e aferir acréscimos éticos e morais do próprio narrador, como sugere a uchronia, constitui um exercício imaginativo do qual a ciência histórica tenta se afastar, mas a uchronia autoriza.

3.3 UCRONIA: NOVO CONCEITO PARA HISTORIOGRAFIA.

A diversidade de ideias permite reinterpretações dos eventos do passado, oferecendo múltiplas formas de definir o tempo, mas que começam entrar em crise. Como sugere Renouvier, diante desse cenário, a uchronia pode conceber alguns significados para a contemporaneidade, assumindo que o período revela essa multiplicidade. Retomando o contexto de surgimento do conceito, marcado pela segunda Revolução Industrial, exploração, dominação do pensamento, grandes produções, consumismo, urbanização, novas divisões de classe, emergência de ideologias e movimentos, como socialismo e marxismo, utopias, tudo isso tornou necessário que os estudiosos refletissem socialmente sobre as relações humanas. A categoria emerge como resultado de uma forma de tentar fazer diferente, na qual as visões progressistas estavam consolidadas e os grandes avanços já se faziam presente.

À luz dos contextos e diagnósticos que o conceito oferece no seu tempo, implica considerar as utilidades e novos significados que pode proporcionar no período atual, em que se abandonam e questionam as utopias e esperanças de um futuro ideal, sem condições aparentes no presente. Um dos significados relevantes que o conceito pode oferecer é um diagnóstico, pois a ausência de tempo já se manifesta na realidade moderna. As divisões clássicas do tempo não atendem mais às expectativas, exigindo respostas imediatas. O conceito que Renouvier sugere um prognóstico que destaca perspectivas de crise e para a contemporaneidade a descontinuidade das barreiras entre o passado, o presente e futuro, demarcam a desco-

nexão de uma sociedade com o seu próprio tempo, afetando diretamente as ideologias, culturas, religião. As concepções de uma sociedade determinam como o tempo será definido. Neste sentido, voltamos a *Agostinho*, na ideia de que as barreiras do tempo se formam no consciente humano,

Agora está claro e evidente para que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos – passado, presente e futuro. Seria talvez justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente é a visão. O presente do futuro é a espera. (Agostinho, 2004, p. 20 – 26)

Partindo de duas análises sobre a remoção do tempo na atualidade é possível concluir essa monografia: a primeira sugere que não há mais futuro, a segunda sugere um passado que ainda não passou, de eventos traumáticos que exercem consequências e demandam conscientização após décadas e séculos do seu ocorrido, crimes que não foram solucionados e pessoas jogadas ao mar do esquecimento sem ser nomeadas; ambas as questões envolvem rompimentos com o tempo. Neste debate conceitual, a ucronia pode ser inserida ao sustentar que existe espaço para novas definições e contornos para temporalidade, o que implica pensar concepções inovadoras para o fazer historiográfico. Como argumenta Ursula Le Guin a partir da noção de ficção:

Na ficção científica, como em toda ficção, há espaço suficiente até mesmo para manter o Homem no lugar a que ele pertence, em seu lugar no esquema das coisas; há tempo suficiente para colher muitos grãos e semeá-los também, e cantar para a pequena bebê, e ouvir a piada de sua filha, e observar as salamandras, e ainda assim, a história não acaba. Ainda há sementes a serem colhidas, e espaço na cesta das estrelas. (Le Guin, 1986, p. 10 - 20)

CONCLUSÃO

Nesse sentido, contextualizando o período atual que começa na segunda metade do século XX, marcado pelas duas grandes guerras mundiais, guerras ideológicas e armamentistas, e avanços tecnológicos, observamos que o imaginário popular refletiu sobre o possível fim da humanidade. Contudo, também houve significativos avanços na área da informação, como o surgimento da internet, o início da globalização e a emergência das mudanças climáticas.

No entanto, para o conhecimento histórico, a exigência de refletir a temporalidade marca o começo de uma crise generalizada sobre as definições do tempo presente e da conjuntura contemporânea. Diante deste cenário de crise, a temporalidade histórica apresenta diagnósticos preocupantes. Com o futuro fechado à esperança e uma ideia de desconexão com o tempo, a contemporaneidade se aproxima das abordagens da categoria ucrônica.

A noção toma como base não só uma crítica direta à escrita da história, mas também à ideia do tempo no qual está totalmente ligado. Os formatos em que a temporalidade é inserida afetam diretamente os modos de conceber a narrativa historiográfica. E propõe uma solução alternativa para a crise: remover o tempo. No entanto, é essencial considerar a sociedade do presente em conjunto com a sociedade do futuro. O conceito apresenta prognósticos de uma realidade presente que demanda transformação e ação do agora, para que os elementos negativos destacados não permaneçam no campo das ideias. E questões como o fim da temporalidade histórica, a decadência do futuro tomam forma diante de novas alternativas.

A categoria de uchronia se distancia da utopia, pois ela não apresenta uma alternativa para ser idealizada no futuro. Além disso, suas críticas são assertivas para o presente, apontando que existe a possibilidade de tendências futuras que dependem do exercício de se pensar numa *fusão temporal*⁶ dessas sociedades presentes e passadas, pois a resolução dessas questões advém da reflexão e aceitação da crise temporal.

⁶ Termo apresentado e discutido pelo *Historiador Serg. Bernstein*, em um dos seus artigos sobre a *Utopia e Uchronia: concepções da sociedade futura*, que consiste em pensar no tempo através de outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2004.

ALEKSIÉTCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: A história oral do desastre*. Editora: Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2016.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2011.

BERNSTEIN, Serge. *Utopia e Ucronia: concepções da sociedade futura*. Revista Sociologia em Rede, v. 6, n. 06, 2016.

CARRÉRE, Emmanuel. *“El estrecho de Bering”*. editora: Anagrama, Barcelona 2022.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FERENCZI, S. (2003). *Reflexões sobre o trauma*. In S. Ferenczi, Obras completas (A. Cabral, trad., Vol. 4, pp. 109-117). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).

GAY, Peter. *Freud para historiadores; do divã para a cultura*. Editora Paz & Terra, São Paulo, 1989.

GUMBRECHT, H. U. *Uma rápida emergência do "clima de latência"*. Topoi (Rio de Janeiro), v. 11, n. 21, p. 303–317, jul. 2010.

HARTMAN, Saidiya. *A trama para acabar com ela*, Trad; Fernanda Souza e Marcelo Ribeiro, Crocodilo edições e bazar do tempo, São Paulo, 2020.

HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos*, Trad; Fernanda Souza e Marcelo Ribeiro, Crocodilo edições e bazar do tempo, São Paulo, 2020.

HARTMANN, S. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queer radicais*. São Paulo: Fósforo. 2022. páginas 11- 62.

HARTOG, François. *Crer em História*. Autêntica, Belo Horizonte, 2017.

HARTOG, François. *Tempo, História e a escrita da história: A ordem do tempo*. Revista de História, Belo Horizonte, 2003.

HERDER, Johann. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*.

Versión Castellana de J. Rovira Armengol Ideas para una Filosofía de la Historia de la Humanidad. Buenos Aires. Losada.1959.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sobre a tarefa do historiador 1821*, em: MARTINS, Estevão R. (org.). A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

JABLONKA, I. **A história é uma literatura contemporânea. Manifesto pelas ciências sociais.** Brasília: UnB. 2020. páginas 11 – 36.

KOSELLECK, R. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

LE GUIN, Ursula K. A Ficção como cesta: uma teoria. Ed. Grove Press. Tradução: Priscilla Mello. Revisão: Ellen Araujo e Marcio Goldman, 1986.

MENÉNDEZ, Marcia Mota. *História e Memória*. Cadernos do CEOM, 2016 n 17, Memória Social- Rio de Janeiro.

MICHELET, Jules. *O Povo* (1846). Tradução por Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

NERI, Luciano Braz. *O sentido da história em Karl Löwith: escatologia, progresso e secularização na obra O Sentido da História*. 2020.

RANKE, Leopold Von. *A história pensada. Introdução: O renascimento da História como ciência*. Editora contexto, São Paulo, 2010.

RENOUVIER, CHARLES. *Ucronía: la utopía en la historia* Recife-RE: Editor digital: Titivillus Traducción: Pilar Ruiz-Va Palácios, 2021.

RICOEUR, Paul. *Escritos e Conferências I: em torno da psicanálise*. São Paulo: Loyola, 2010.

SALMON, Lucy Maynard. *História num quintal*. Tradução de Eduardo Cardoso e Naiara Damas. History in a back yard. New York: Poughkeepsie, N.Y., 1913, pp. 3-20.

SALOMON, Marlon. *Heterocronias; estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia. 2018.

STAËL, Madame de. *De l'Allemagne*. GF Flammarion, Paris. 1968.

STIERLE, Karlheinz. *A ficção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: UERJ,2006.

VAZ, Aline Tabosa. *A visão de santo agostinho sobre o tempo*. Cuiabá, 2009.